U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITECTURA

Intervir no Comum - Estratégias de Intervenção no Bairro El Cabanyal-Canyamelar

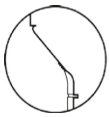
Ivo Ribeiro

M

2020

Intervir no Comum

Estratégias de Intervenção no Bairro El Cabanyal-Canyamelar



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
U.PORTO

Ivo Correia Ribeiro
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura
Orientada pelo Arquitecto Aitor Varea Oro
e pela Arquitecta Ana Silva Fernandes
Apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Nota Prévia

A presente dissertação não segue o novo Acordo Ortográfico, por decisão do autor.
As citações transcritas em português referentes a edições de língua não portuguesa foram sujeitas a uma tradução livre.

Agradecimentos

A concretização desta dissertação é resultado de um percurso académico e pessoal, que é consequência directa e indirecta de vários intervenientes.
À minha família, que permitiu e apoiou este percurso.
Aos amigos, do Porto a Lisboa, que foram os primeiros críticos e fontes de partilha em várias áreas.
Aos professores, que me disponibilizaram as ferramentas académicas para esta formação.
A los de Valencia, que hicieron del año 2017/2018 un escaparate de culturas.
Aos orientadores que completam esta versátil equipa, na qual resultou a presente dissertação.
E a todos os restantes actores que, directa ou indirectamente, intervieram durante este percurso académico.

Obrigado.

Abstract

This dissertation chooses as an object of study an urban sector in the Spanish city of Valencia: the El Cabanyal-Canyamelar neighborhood. This study focuses on issues of urban isolation that have affected the neighborhood since its foundation, prior to industrialization, until contemporary times, seeking to analyze urban and political factors that contributed to its degradation and / or regeneration. The investigation also tries to understand how these actions influenced and were fueled by the urban development of the historic maritime neighborhood, analyzing studies and plans developed in recent years by various entities and associations. As such, it proposes a critical reflection on how to intervene in heritage, taking advantage of its history and adapting it to current needs with the uncertainty of the future. Between the particularity of the social fabric and the patrimonial values of the physical fabric of this neighborhood, the relationship between them is also evident, creating a unique framework before conventional urban approaches. The participatory nature of the population and the resistance model built in parallel to the different phases of urbanism and the respective intervention policies, translate communicative conditions essential to the permanence of this community and its definition. The methodology of this study therefore passes through the analysis of the different urbanistic approaches to the neighborhood and the open result that they allow, in a reading grid with possible extractable coordinates to similar interventions in other territories. Through an analytical, chronological and critical "route" to the points that create this unique conjuncture in the Neighborhood, we will try to understand how to stimulate movement dynamics that the neighborhood's morphology raises and that will try to understand how they characterized it before of its period of degradation corresponding to the years when projects to extend an avenue were pressing residents to leave the neighborhood.

The protection of residents and their culture combined with the encouragement of social and urban thoughts, open to new uses and community practices, with special attention to the promotion of the street and its relationship with the building - which is a strong point that this neighborhood had already had -, thus intend to raise awareness of a future intervention and regeneration strategy that integrates not only physical and spatial components, but also social and community ones, considered as a priority for the construction of more heterogeneous and multicultural societies.

Resumo

Esta dissertação elege como objecto de estudo um sector urbano na cidade espanhola de Valência: o bairro El Cabanyal-Canyamelar. Este estudo foca questões de isolamento urbano que atingiram o bairro desde a sua fundação, prévia à industrialização, até à contemporaneidade, procurando analisar factores urbanos e políticos que contribuíram para a sua degradação e/ou regeneração. A investigação tenta ainda perceber de que modo essas acções influíram e foram alimentadas pelo desenvolvimento urbano do histórico bairro marítimo, analisando estudos e planos elaborados nos últimos anos por diversas entidades e associações. Como tal, propõe-se uma reflexão crítica sobre como intervir no património, tirando proveito da sua história e adaptando-o às necessidades actuais com a incerteza do futuro.

Entre a particularidade do tecido social e dos valores patrimoniais do tecido físico deste bairro, evidencia-se também a relação entre estes criando um enquadramento único perante as abordagens urbanísticas convencionais. O caracter participativo da população e o modelo de resistência construído em paralelo às diferentes fases do urbanismo e respetivas políticas de intervenção, traduzem condições comunicativas essenciais à permanência desta comunidade e à sua definição. A metodologia deste estudo passa portanto pela análise das diferentes abordagens urbanísticas ao bairro e pelo resultado em aberto que as mesmas possibilitam, numa grelha de leitura com possíveis coordenadas extraíveis a intervenções similares noutros territórios. Através de um "percurso" analítico, cronológico e crítico aos pontos que criam esta conjuntura única no Bairro, procurar-se-á perceber como estimular dinâmicas de movimento que a morfologia do bairro suscita e que procurar-se-á perceber como o caracterizavam antes do seu período de degradação correspondente aos anos em que projectos de prolongamento de uma Avenida pressionavam os moradores a abandonar o bairro.

A protecção dos moradores e da sua cultura aliada ao estímulo de pensamentos sociais e urbanos, abertos a novos usos e práticas comunitárias, com especial atenção para a promoção da rua e sua relação com o edificado – que é um ponto forte que este bairro já possuíra -, pretendem assim sensibilizar para uma futura estratégia de intervenção e regeneração que integre não só componentes físicas e espaciais, mas também sociais e comunitárias, tidas como prioridade para a construção de sociedades mais heterogéneas e multiculturais.

Índice

Notas Introdutórias.
Objecto de Estudo, Objectivos, Metodologia, Estrutura. 19

I. Memória Viva do Bairro. 25
1.1 Enquadramento geográfico. 29
1.2 A selecção de uma memória. 31
1.3 Elementos endógenos como ferramentas de expansão popular. 33
1.4 As barreiras criadas pelos elementos exógenos. 39
1.5 Uma perspectiva de protecção e intervenção. 49

II. Atitudes. Planos de Ruptura e Continuidade. 51
2.1 PGOU 1988. 55
2.2 PEPRI. 61
2.3 O programa EDUSI. 71
2.4 Plan Especial El Cabanyal. 81
2.5 Via Verde Cabanyal. 89

III. Governo Sombra 93
3.1 Área de Intervenção. 97
3.2 Gestão da Intervenção. 99
3.3 Demograficamente falando. 105
3.4 Mofologia Urbana. 109
3.5 Permeabilidade. 111
3.6 Áreas Verdes. 119
3.7 No domínio da Habitação. 125
3.8 Na Procura de Novas Dinâmicas. 131
3.9 Sucesso e Prevenção. 141

Considerações Finais. 145

Bibliografia. 151
Crédito de Figuras. 156
Anexos. 159

Índice de Figuras

0. Poblados Maritimos 1939, por José Huguet. 3
1. Mapa da Cidade de Valência, 1899. 24
2. El Cabanyal-Canyamelar, em 1796. 32
3. El Cabanyal-Canyamelar, em 1897.
4. Vista aérea do Cabanyal, anos 20. 34
5. A Rede de Caminhos-de-Ferro do e para o bairro Cabanyal. 36
6. Plan de Valence, 1877. 38
7. Rede de Caminhos-de-Ferro, no bairro El Cabanyal-Canyamelar, em 1939.
8. Avenida Serreria, em 1963. 40
9. A evolução urbana na periferia do Cabanyal e o projecto da Avenida Al Mar, em 1939. 42
10. Quatro propostas para o prolongamento da Avenida. 44
11. Plan Parcial 13. 46
12. Panorama da frente marítima do Cabanyal e Av. Blasco Ibañez. 48
13. Estado de abandono do edificado no Cabanyal.
14. Estado de abandono do edificado no Cabanyal.
15. Manifestação pela defesa do Bairro El Cabanyal-Canyamelar. 50
16. Área limitada a vermelho abrangida pelo M4, do PGOU 88. 54
17. Área limitada a vermelho abrangida pelo M3, do PGOU 88. 58
18. Prolongamento da Av. Blasco Ibañez, segundo o PEPRI. 60
19. Área afectada directamente pelo PEPRI.
20. Projecto proposto pelo PEPRI. 64
21. Lotes vazios a vermelho e abandonados a laranja, cerca de uma década após aprovação do PEPRI. 66
22. Apresentação do PEPRI, por Rita Barberá. 68
23. Manifestação pela proteção do bairro El Cabanyal-Canyamelar.
24. Logotipo do programa EDUSI. 70
25. Proporção de locais comerciais sem actividade, em 2015. 72
26. Densidade da População em Valência, 2014.
27. Gráfico de distribuição de habitantes por bairro, com destino ao CMSS MAL-VA-ROSA. 74
28. Limites da área de actuação, do PEC. 80
29. Proposta do plano urbano desenvolvido pelo PEC. 86

30. Solução 1 proposta pelo Via Verde Cabanyal.
31. Solução 2 proposta pelo Via Verde Cabanyal. 90
32. Área de Intervenção do EDUSI. 98
33. Distribuição programática do novo edificado proposto pelo PEC. 106
34. Principais travessias como elementos de comunicação, do PEC. 112
35. Relação entre as travessias Nascente-Poente e o Passeio Verde, proposto pelo Via Verde Cabanyal. 114
36. Travessías principais na conexão do bairro com a envolvente.
37. Esquema demonstrativo das ruas do bairro com maior afluência. 116
38. Desenhos de Pierre Sorrin para Storyboard, sobre as esquinas. 118
39. Distribuição de áreas verdes, do PEC. 120
40. Proposta em 3D, do Passeio Verde, pelo Via Verde Cabanyal. 122
41. Esquema de representação do conceito de Agragação Vs Separação.
42. Habitantes em risco de exclusão social, em relação directa com os Blocos Portuários. 126
43. Esquema dinamizador do bairro, com epicentro na zona referente ao antigo Trazado trenet. 134
44. Esquema de intenção na distribuição de programa não residencial. 136
45. Imagem actual de armazéns sem actividade. 138
46. Imagem virtual de adaptação de armazéns sem actividade a novos programas.
47. Simulação de uma situação de desvirtuosismo do bairro, criado por potencial sucesso de regeneração urbana. 142

Índice de Anexos

ANEXO A - PEC - O.00 | Plano De Síntesis. 160

ANEXO B - Tabela D.A.F.O da EDUSI. 163

ANEXO C - Dez pontos sobre as Esquinas. 177

Lista de Abreviaturas

BIC - Bien de Interés Cultural

CMSS - Centro Municipal de Servicios Sociales

EDUSI - Estrategia de Desarrollo Urbano Sostenible Integrado

FEDER - Fondo Europeo de Desarrollo Regional

PEC - Plan Especial del Cabanyal-Canyamelar

PEPRI - Plan Especial de Protección y Reforma Interior

PGOU - Plan General de Ordenación Urbana

PP - Partido Popular

RENFE - Red Nacional de los Ferrocarriles Españoles

UE - União Europeia

Notas Introdutórias

Durante a minha experiência ERASMUS, em Valência, conheci um bairro ao qual, a cada dia, me tornava mais próximo à forte identidade que revelava. Esse bairro – El Cabanyal-Canyamelar – encontrava-se mal tratado, com sinais de abandono, mas simultaneamente de uma contínua resistência. Este resistia e persistia. Sob uma gradual e vagarosa forma, ia perdendo forças nas suas "pequenas" lutas do dia-a-dia, fazendo, no entanto, sempre e sempre por resistir. Entre a timidez e a curiosidade de explorar o bairro - percorrendo-o -, "não me faltava uma esparsa ternura sem compromisso pelas pessoas e as coisas; uma aproximação" ao bairro "por assim dizer lacónica". Durante os percursos registavam-se momentos de silêncio, abandono, solidão, tristeza e insegurança, atento a qualquer barulho que podia surgir entre aquele silêncio. As esquinas e cruzamentos do bairro surgiam como elementos de surpresa numa solidez ingénua e sombria, e à medida que nos aproximamos destas, aumenta a sensação de movimento, pertença, hospitalidade e de segurança, esta última garantida através da vida urbana e não pela presença de qualquer força policial. Ainda que este "atrevimento" seja uma possível experiência para quem visita o Cabanyal, havia uma grande parte de estrangeiros (ao bairro) que no momento de encontro com as fronteiras do bairro, decidia contorná-lo, procurando vias mais movimentadas e abertas para chegar a outro ponto da cidade. A insegurança, o desconforto dos visitantes, ausentes, impedia-lhes de descobrir este sentimento de surpresa; impede-lhes de descobrir as cores e os cheiros, misturados; o catalão e o castelhano, sobrepostos; as esquinas e a surpresa, interligadas; a vida simples; em contemplar este pequeno bairro, esta pequena "cidade" de "uma vida independente, muito densa"… "Estava em mim uma suspeita, um assombro latente, uma subtil incompreensão."[1]

Este bairro apresenta uma morfologia com origem popular, sob uma relação directa entre as habitações e a rua. E à sua volta, a cidade moderna tentava "engoli-lo". A sensação de isolamento era cada vez maior. O bairro

1. Herberto Helder. Os Passos em Volta. 2014, pg. 70

ia perdendo movimento e moradores: ia perdendo heterogeneidade. Da Revolução Industrial, aos planos urbanos que apelidavam de modernos, iam ficando evidentes os sinais de isolamento. Este estudo nasce portanto, de preocupações sociais e urbanas que se lhe associam e, principalmente, do modo como estas se encontram interligadas.

A maioria de nós vive em cidades contemporâneas fragmentadas. Uma fragmentação urbana que acaba por ser também social: herança do urbanismo moderno. Uma das consequências dessa fragmentação é o isolamento de partes da cidade, que por si contribui para uma certa exclusão social, como são exemplo a criação de bairros designados de sociais, ou a criação de blocos residenciais destinados a famílias em risco de exclusão social, que se aproximam da realidade do Cabanyal. A criação destes elementos na cidade fragmentam-na, no ponto de vista desta dissertação. Dá a sensação que estamos a arrumar a cidade como se de uma dispensa se tratasse, colocando os lacticínios numa prateleira e os cereais noutra. Ainda que goste de ter uma dispensa arrumada, dispenso que a cidade se "arrume" da mesma forma.

Após analisar os mais recentes planos urbanos para o bairro e confrontando com as vontades dos seus habitantes, que mantiveram uma posição crítica sobre os planos urbanos destinados ao bairro, expor-se-ão de forma comparativa as soluções apontadas nesses planos, na procura de uma reflexão que questione possíveis formas de intervir no património, entre premissas de protecção e inclusão. Uma inclusão do bairro na cidade e, claro, uma paralela inclusão social.

Este móbil de "intervenção" deve procurar devolver ao bairro algumas das suas características, como o comércio local, a relação do piso térreo com a rua, a heterogeneidade social e a sua arquitectura eclética, promovendo os caminhos e ruas que configuram a malha urbana do bairro em estudo. Será muito importante trabalhar as periferias do bairro nos seus quatro limites administrativos, de forma a que estes limites não funcionem como barreiras, mas sim como elementos de continuidade urbana e de fluxos.

O objectivo que move este estudo vai muito além da importância de proteger as heranças urbanas e sociais de origem popular. É um estudo que procura "avaliar" os processos de transformação do Bairro El Cabanyal-Canyamelar e adaptá-lo a ideais da cidade contemporânea, sem destruir a valiosa herança, numa tentativa de restituir condições para atingir ideais de dinamismo, diversidade, coesão social, multiculturalidade e sentimentos de pertença; de ideais contemporâneos, contribuindo com a particularidade histórica, politica e cultural, que lhe pertence, e desafiando pensamentos de intelectuais sobre a cidade e a sociedade que contrariem a fragmentação destas.

Em síntese, esta reflexão quer ir ao encontro de intenções urbanas que garantam uma estrutura territorial coesa e aberta à cidade contemporânea, capaz de construir um modelo de bairro heterogéneo, onde os espaços (públicos) de partilha e comunicação possam ser palco da natural espontaneidade e constante alteração de usos, protagonizados pelos moradores do bairro, vizinhos e estrangeiros.

A metodologia de trabalho partiu de uma primeira análise à evolução urbana do bairro e suas periferias com o objectivo de compreender os primeiros factores que contribuíram para os problemas apontados no caso de estudo. Analisados os problemas correspondentes à morfologia urbana, procuro perceber numa segunda fase que atitudes políticas contribuíram para resolver e/ou agravar os problemas herdados pela história urbana do Cabanyal. Por fim, utilizar-se-ão os planos e projectos apresentados como veículos de pensamento e crítica, confrontando-os com ideais contemporâneos sobre cidade.

Opta-se por desenvolver este estudo segundo uma cronologia histórica, social e política, no sentido de lhes associar responsabilidades e atribuir um grande peso, pelas consequências para o bairro El Cabanyal. Esta estratégia tem o objectivo de refletir sobre estes tipos de cronologias temporais que contribuem para a fragmentação da cidade e consequente isolamento dos seus fragmentos, como bairros e quarteirões. Desta forma tentar-se-á "finalizar" a dissertação segundo um ponto de vista crítico,

sobre a história social e política mais recente do bairro, adaptando um conjunto de ideais que defende a integração de bairros que têm em comum com o El Cabanyal, a sensação de isolamento e ainda a particularidade de serem alvo de um desvirtuamento causado por actos de gentrificação e demonstração de poder.

A apresentação de uma proposta de desenho urbano para um sector do bairro por um grupo de moradores, é a prova que o El Cabanyal tem voz e procura a sua regeneração. Desta forma, a democracia participativa começa a dar resultados, e a natureza desta acção partir dos moradores valoriza ainda mais a acção na procura de uma nova governação das cidades. O bairro deve assim ser exemplo para outros sectores da cidade e do mundo, procurando adapatar-se a ideais contemporâneos sobre urbanismo e sociologia. Mais do que apontar um problema urbano ao bairro, defende-se a interdisciplinaridade como meio para atingir resultados positivos de acção. E é neste sentido que se procura intervir no comum, porque o comum é intrínseco a mais de um actor. A força do comum é alcançada quando atinge uma multiplicidade de actores, como deve acontecer na discussão da cidade: da população a urbanistas, de arquitectos a sociólogos, de filósofos a políticos, ….

1. Mapa da Cidade de Valência, 1899, José Manuel Cortina Pérez

I | Memória Viva do Bairro

1.1 Enquadramento geográfico.

1.2 A selecção de uma memória.

1.3 Elementos endógenos como ferramenta de expansão popular.

1.4 As barreiras criadas pelos elementos exógenos.

1.5 Uma perspectiva de protecção e intervenção.

A escolha do El Cabanyal como objecto de estudo transcende a proximidade emocional criada nos meses em que o habitei, também, numa proximidade física. A génese urbanística que o envolve e que o torna particular motiva verdadeiramente este estudo e todas as reflexões que se possam deixar "suspensas". O crescimento deste enquanto conjunto urbano isolado em paralelo com o crescimento da cidade de Valência até ao ponto em que estes se encontram e o bairro se torna num fragmento da cidade anexadora é importante na leitura deste estudo. As limitações do urbanismo expuseram-se neste ponto de encontro, entre o anexado e o anexador, que fracassa enquanto articulação urbana entre estes. Parece deste modo pertinente que se apresente a evolução tanto dos elementos endógenos como dos elementos exógenos ao Bairro, que contribuíram para aumentar a sensação de isolamento deste e a fragmentação da cidade.

1.1 Enquadramento Geográfico

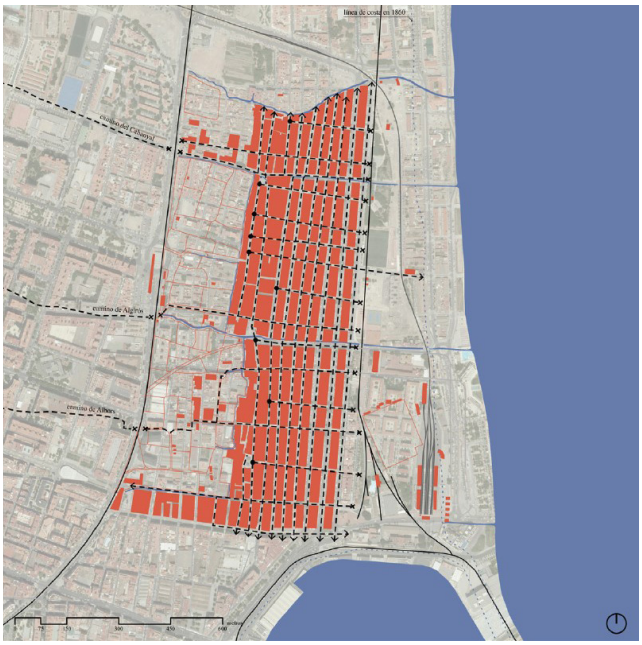
El Cabanyal-Canyamelar, um conjunto de povos marítimos, localiza-se na cidade de Valência, Espanha. Pelo menos desde o século XVII, reconhece-se como lugar de relação da cidade com o mar Mediterrâneo. O conjunto urbano surge de uma agregação de Poble Nou Del Mar (integrada pela evolução deste núcleo histórico) à cidade de Valência, tornando-se hoje num dos bairros mais destacados desta. Constituído como município independente até 1897, foi um bairro marítimo/piscatório com um forte carácter identitário, com tradições próprias e caracterizado pela sua diversidade de população. O Cabanyal apresentava em 2014 uma população de 20 580, representando 2,6% da população de Valência (787 301), sendo o 10º bairro mais povoado da cidade, num total de 87. Os limites urbanos são marcados pela Rua de la Serradora e Rua de Lluís Peixó a Poente, pela Avenida dels Tarongers a norte, pela Rua de Francesc Cubells a sul e pela praia a nascente. Estes limites que agora surgem com esta designação são praticamente coincidentes com limites herdados pela história da evolução urbana do bairro, que contribuíram para a fragmentação urbana desta parte da cidade de Valência, iniciando problemas de isolamento do bairro em relação às malhas e lógicas urbanas da envolvente. Pode-se afirmar que a estrutura urbana refletida no plano geográfico da população da praia da cidade de Valência é a origem do que hoje se pode chamar a cidade velha do El Cabanyal-Canyamelar. Este núcleo marítimo dista mais de 3km do centro histórico de Valência. Esta diferença de distâncias entre os dois núcleos vai contribuir para uma diferente evolução das suas estruturas urbanas, tanto morfologica como socialmente, com especial atenção sobre o Cabanyal, que experimentará uma transformação particular ao longo dos séculos XIX e XX.

1.2 A Selecção de uma memória

A história urbana, política e social do bairro El Cabanyal-Canyamelar é de um grau de complexidade tão elevado, que a sua análise seria objecto para um caso de estudo. Das várias narrativas sobre o passado do El Cabanyal, elege-se a narrativa do Plan Especial del Cabanyal (PEC) que é baseada, por sua vez, na tese de doutoramento de Luis Francisco Herrero Garcia. O PEC é um dos planos urbanísticos que será estudado, com maior incidência no segundo capítulo e especialmente relevante nos últimos desenvolvimentos e futuro do El Cabanyal. Interessa apresentar esta narrativa porque será a base de trabalho do PEC, que terá de conhecer o passado para trabalhar no futuro, e sendo este o último plano proposto e aprovado pelas entidades responsáveis, importa perceber o impacto da sua leitura pela história do bairro.

A visão histórica do bairro será centrada na configuração dos tecidos físicos do bairro e nos acontecimentos e actitudes políticas que se consideram fracturantes ou estimulantes na construção e no desenvolvimento de uma sociedade heterogénea (em todos os sentidos do termo), que tem o espaço urbano como elemento comum entre todos os actores.

2. El Cabanyal-Canyamelar, em 1796



3. El Cabanyal-Canyamelar, em 1897

1.3 Elementos endógenos como ferramentas de expansão popular

O Bairro El Cabanyal-Canyamelar tem sua origem na auto-organização e construções a cargo dos pescadores sobre a praia, a que, pela sua condição de terrenos inférteis para cultivo, foi atribuído o direito de uso por ocupação do solo. Desde a sua origem, na parte do bairro designada por Cap de França, os habitantes do mesmo estenderam os seus limites urbanos até ao encontro da praia, que era onde se localizava o centro das suas actividades económicas. No fim do século XVII a estrutura urbana alcança o caminho del Grau a sul, através dos seus eixos paralelos ao mar: ligação com importância significativa na comunicação do Bairro com a cidade de Valência.

O porto de Valência tem um enorme impacto na expansão do bairro para nascente, principalmente a partir de 1792 quando o porto começa a ganhar expressão através do seu avanço sobre o mar. Como consequência directa deste crescimento do porto, a praia apresentará um aumento significativo da sua área: ganhando terreno ao mar, devido à acumulação de terreno sólido (areias), motivado pela criação de uma barra protectora do porto que visa controlar correntes marítimas e outras adversidades que ia servir a indústria e o comércio. Sobre esse território, os Arquitectos da Real Academia de San Carlos, desenharam planos de rectificação e novos alinhamentos, relacionados com os planos anteriores. Estas terras não tinham proprietário prévio, habilitando-se novamente à questão da ocupação por novos habitantes, que assim construíram as suas habitações.

Até 1897, o povoamento em estudo era um município independente com o nome Poble Nou del Mar. Após esse período houve uma anexação desse município à cidade de Valência, consequência do crescimento da cidade. No século XX, já como bairro de El Cabanyal, foi-se construindo nas periferias do bairro, tanto a poente (entre a rua Lluis Despuig e a avenida Serrería), como a nascente (entre a rua Dr. Lluch e a praia), até alcançar os seus actuais limites administrativos, mediante regras similares às utilizadas no século XIX.

4 . Vista aérea do Cabanyal, anos 20

A natural expansão do território edificado tende a seguir a direcção das terras ganhas ao mar, de poente para nascente. Os caminhos, neste sentido, começam a ganhar alguma importância na comunicação do bairro com a praia, servindo os moradores. Com a evolução da malha urbana do Cabanyal, criaram-se novos caminhos tanto na direcção nascente-poente, como na direcção sul-norte.

Os caminhos com orientação nascente-poente apresentam grande importância na comunicação do bairro com a praia e a cidade, cruzando os campos de Santo Tomás. Pode-se afirmar também que possuem uma grande relevância para as rotas comerciais, sempre com um carácter mais direccionado para o movimento e para a comercialização de bens, serviços e ideias.

Numa das primeiras planimetrias rigorosas de que se tem conhecimento – Plan Geográfico de la población de la playa de la ciudad de Valencia – representa-se a malha urbana durante a passagem para o século XIX e como a rede de caminhos que cruzavam os campos de Santo Tomás, interferiam na estrutura urbana do bairro marítimo, sendo lidos como elementos de distinção das três zonas do bairro: Canyamelar, Cabanyal e Cap de França, de sul para norte.

A leitura que se apresenta dos caminhos com orientação sul-norte é de carácter mais privado, de acesso ao edificado (que segue a orientação ortogonal) e movimento mais lento. É importante referir que as habitações do bairro apresentam uma relação muito directa com a rua – os caminhos sul-norte. Ainda sobre os caminhos com esta orientação é provável que os que apresentam uma maior dimensão possam também servir rotas comerciais, de serviços e ideias com as cidades mais longínquas a norte e a sul da Comunidade Valenciana.

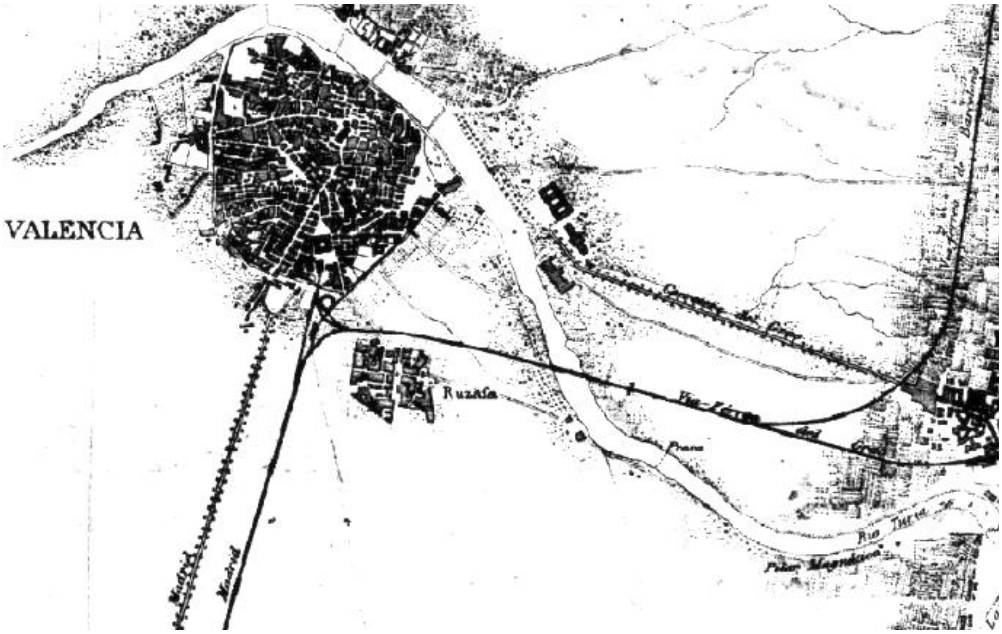
Ainda sobre um dos primeiros planos rigorosos de que se tem conhecimento, "as ruas e praças com orientação norte-sul, encontram o seu limite e definição dos alinhamentos numa malha com um sistema de travessias que se multiplicam, facilitando a relação com a praia. Podem-se distinguir

5. A rede de caminhos do e para o bairro Cabanyal

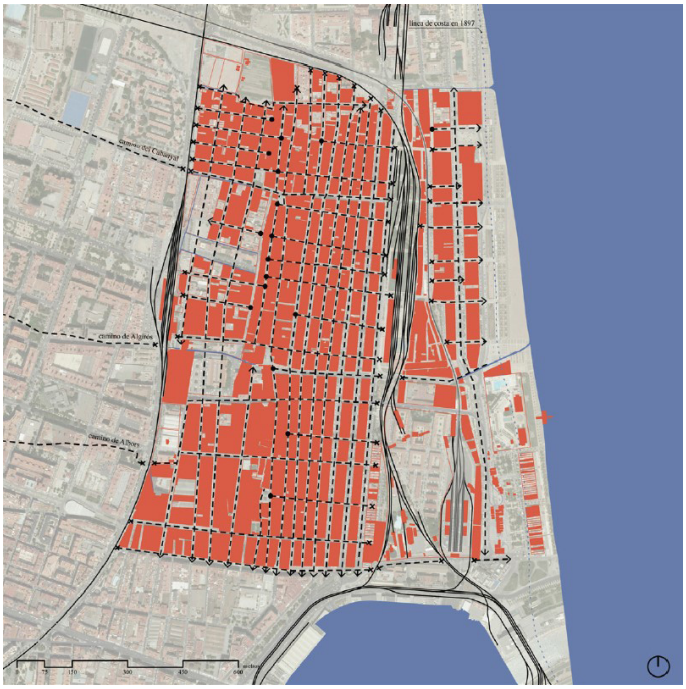
dois sistemas de travessias: as que prolongam o traçado dos caminhos que vinham do centro histórico de Valência, atravessando as zonas de cultivo; e as que têm a sua origem nas ruas da zona antiga do El Cabanyal."[2]

A multiplicação dos caminhos foi uma acção natural que, em simultâneo com a evolução da malha urbana, contribuiu para a definição da trama reticular que tanto caracteriza o Cabanyal e de grande importância para a comunicação do bairro com as suas periferias e principalmente com a cidade de Valência.

2. Plan Especial Del Cabanyal-Canyamelar. Avance de Criterios estratégicos - Documento Prévio, p.8



6. Plan de Valence, 1877



7. Rede de Caminhos-de-Ferro, no bairro El Cabanyal-Canyamelar, em 1939

1.4 As barreiras criadas pelos elementos exógenos

No final do século XVIII, os administradores do Real Património, iniciaram um processo de ordenação sobre o território existente do Cabanyal, respeitando a malha que iria ser interrompida durante o século XIX com a construção da rede de caminhos-de-ferro que serviam o porto de Valência.

A criação dos caminhos-de-ferro, de apoio às obras do porto de Valência, teve como consequência a primeira barreira física, que foi contrariar a cultura de crescimento urbano que existia no bairro. Este acontecimento é de enorme importância para planos futuros e mesmo para se perceber até onde a malha urbana do Cabanyal deve ser lida como um conjunto de escala urbana, de iniciativa popular.

"A estrada de ferro corta a cidade como uma cicatriz, através de fábricas, moinhos e pátios ferroviários abandonados. Um percurso que se faz numa área esquecida, para a qual a cidade deu as costas. Viagem por um mundo em suspensão: apesar da passagem do trem, reina a mais completa imobilidade."[3]. Esta podia ser a imagem a nascente da rede de caminhos-de-ferro de apoio ao porto, que limitaram a expansão do bairro ao encontro com a praia. Ainda que esta caracterização não seja a do Cabanyal, não está muito longe do que Nelson Brissac Peixoto descreve, em relação às consequências da criação de redes de caminhos-de-ferro. "Nestes lugares, passado e futuro são colocados no mesmo presente. Um tempo sem movimento, estacionário. Tempo que não flui em linha reta e infinita, mas em círculo. Objetivado nas ruínas arquitetónicas e restos industriais. Uma àrea entre eventos, onde nada acontece, dominada por um vazio. (…) O ramal ferroviário e suas ruínas industriais são como um corte que desagrega todo o desenho urbano da área, que rompe sua homogeneidade e continuidade, levando-o ao colapso. (…) Uma "arquitectura entrópica": um processo dinâmico de desorganização do tecido urbano."[3].

---

3. Nelson Brissac Peixoto IN *ARTE/CIDADE - A Cidade e suas Histórias. 1994*

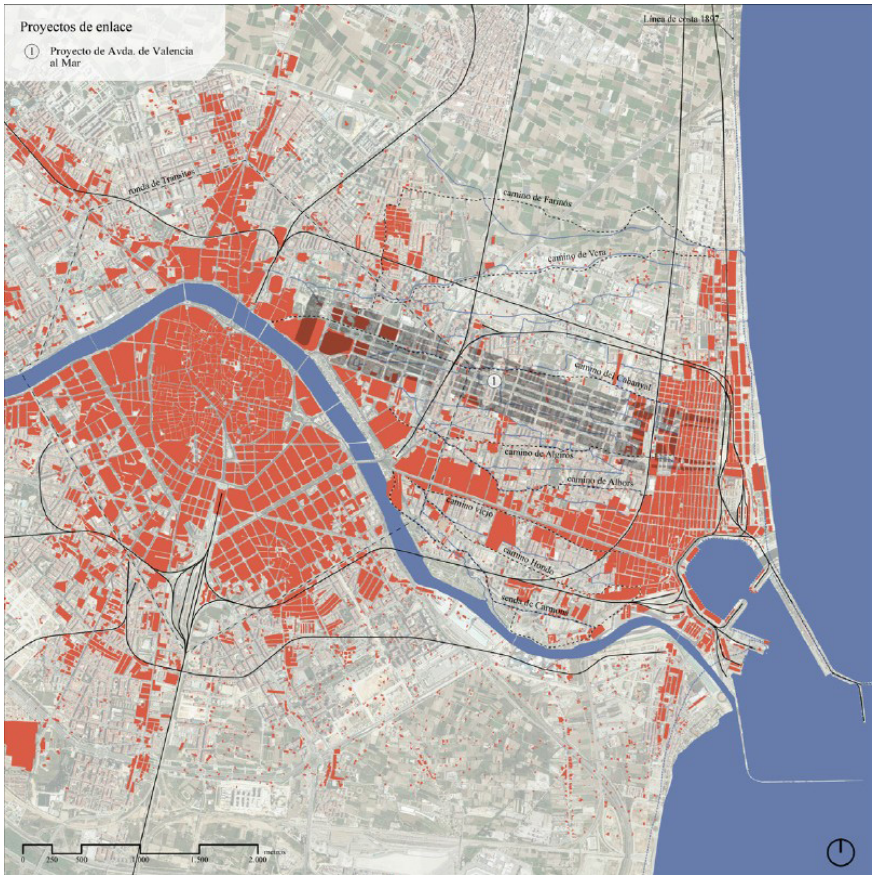
8. Avenida Serrería, em 1963

A poente do Cabanyal, a rede de caminhos-de-ferro vai ser definidora do limite do bairro a poente que até hoje se mantém, agora como Avenida Serrería. Apesar desta construção não interromper a evolução da malha urbana do bairro, muito porque a procura de terrenos para ocupar era mais intensa junto à praia onde se realizavam a maioria das actividades económicas dos moradores, vai criar uma barreira física a poente do bairro. Esta barreira é um dos grandes marcos que vai impor a sensação de isolamento do bairro face à evolução da cidade de Valência, interrompendo os caminhos que faziam a ligação entre o bairro marítimo e o centro da cidade. "As redes ferroviárias foram pontos de fuga inscritos na paisagem urbana, vetores cortando os antigos labirintos de ruas. (…) a ferrovia é um mundo de coisas que se opõem ao movimento, que oferecem resistência. Coisas feitas para ficar, não disponíveis à manipulação. Coisas que, apesar de aviltadas, recusam-se a desaparecer"[4]. E ainda hoje essa rede de caminhos-de-ferro a poente do bairro se faz sentir. Hoje existe no mesmo lugar uma Avenida − Serrería − que não tem carris de ferro, mas que pelo seu desenho e dimensão dá prioridade ao trânsito automóvel. É uma avenida em que o peão a percorre no seu perímetro nascente ou poente, por não se sentir confortável a atravessá-la. A barreira, actualmente, é a intensidade e a densidade causada pelo tráfego automóvel.

Enquanto que a nascente do casco antigo do Cabanyal a continuidade da malha urbana tinha sido interrompida pela construção dos caminhos-de-ferro, dando liberdade para a criação de uma morfologia urbana diferente e que respondesse às necessidades daquela zona de apoio ao porto de Valência, a poente o bairro sofreu algumas transformações morfológicas.

O Espaço que existia entre o El Cabanyal e o centro de Valência, que em parte era referente aos campos de Santo Tomás, foi palco de diversas propostas urbanas. Este espaço surgia como ponto de ligação entre a

4. Nelson Brissac Peixoto IN *ARTE/CIDADE - A Cidade e suas Histórias. 1994*



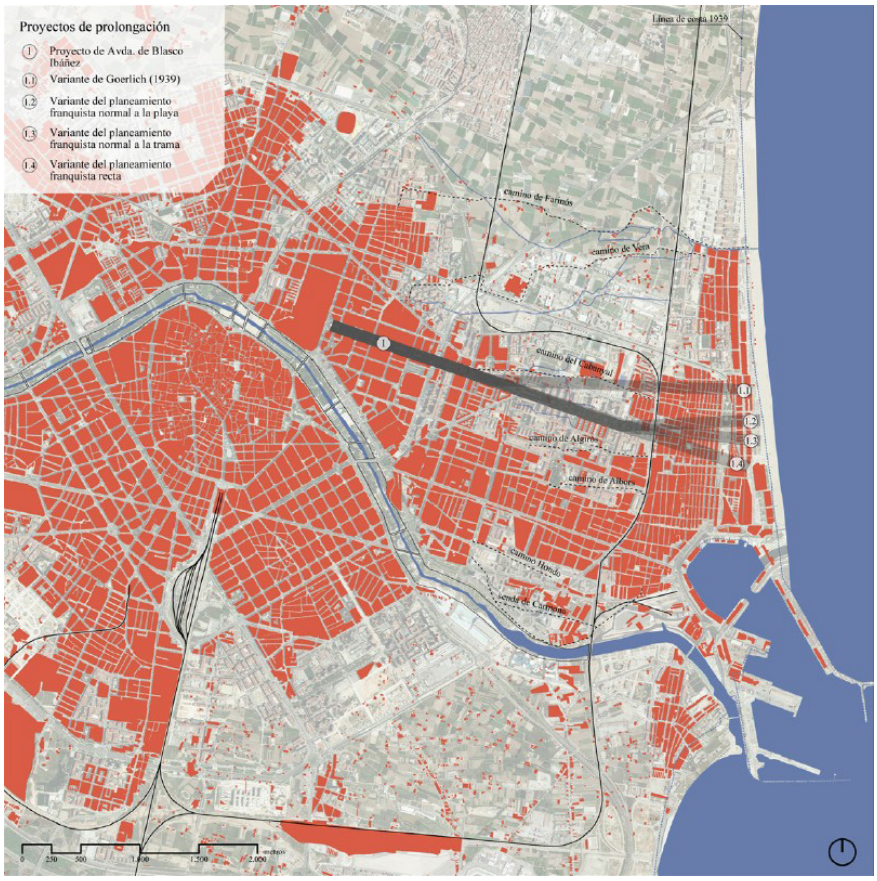
9. A evolução urbana na periferia do Cabanyal e o projecto da Avenida Al Mar, em 1939

cidade anexadora e a anexada, assumindo uma grande importância como elemento de articulação entre as duas. No entanto, a limitação dos planeamentos urbanos apontados para esta zona começava a esboçar a fragmentação da cidade.

No encontro com o século XX, a construção na periferia poente do bairro era tímida, com pequenos edifícios que tinham relação directa apenas e só com os caminhos que ligavam o bairro à cidade. Não havendo um plano urbano a poente, com directrizes semelhantes às que foram usadas na expansão a nascente, ficou por criar uma ideia de ligação e de transformação dos campos de Santo Tomás com uma progressiva adaptação da escala do Cabanyal para a escala que a cidade de Valência estava a tomar. Ainda que não havendo um interesse assumido na expansão do bairro em direcção ao centro da cidade, o cenário oposto era assumido: havia a intenção de conectar o centro da cidade com o mar. Surge então o projecto de um passeio parcelado, por Casimiro Messeguer. Este projecto com intenções de continuidade a nascente, era rematado com o El Cabanyal. Começava-se então a sentir que o bairro, com a sua configuração de origem na auto-organização popular, estava a interromper o desejo de conectar a cidade de Valência ao mar.

Nesta construção de periferias em volta do núcleo antigo do bairro, já com os limites tanto a nascente como a poente condicionados por atitudes anteriormente referidas, nota-se a falta de um plano único e coerente no desenho urbano que respeite a continuidade da malha urbana criada a partir do núcleo antigo, podendo ter adoptado a coerência do plano do Arquitecto Salvador Escrig i Garriga (inícios do século XIX) que parece bastante respeitador da cultura de expansão urbana que o bairro seguia.

Sem plano e pressionado pelo boom de construção nos meados do século XX, a expansão a poente até à actual Avenida Serrería é algo confusa e começa ela mesmo a ser uma barreira física e elemento isolador do bairro, interrompendo algumas travessias nascente-poente e deixando demasiada liberdade na criação e ocupação de parcelas. Hoje esta ocupação revela uma diferença de escalas tanto na altimetria como no desenho dos lotes,



10. Quatro propostas para o prolongamento da Avenida

1. Projecto da Av. Blasco Ibañez.
1.1. Variante de Goerlich (1939).
1.2. Variante do plano, ortogonal à praia.
1.3. Variante do plano, ortogonal à trama existente.
1.4 Variante do plano, em linha recta.

que faz com que este novo edificado seja também parte da barreira física a poente, juntamente com a avenida Serrería pela sua dimensão e intensidade de tráfego automóvel.

A ideia de um eixo de ligação entre o bairro Cabanyal e a cidade de Valência, seja com uma configuração de avenida ou de passeio parcelado, rapidamente progrediu para uma avenida que se prolongava até à praia, cortando o bairro em duas partes.

A evolução do tecido urbano, após a Guerra Civil, reflete um conflito de interesses entre a cidade anexadora (Valência) e a cidade anexada (El Cabanyal-Canyamelar). Nos primeiros meses da ditadura, anunciava-se o desejo de realizar uma avenida com início em Valência e o mar no horizonte, com 100 metros de largura. Esta avenida vai ter algumas propostas ao longo dos anos, mas sempre com a localização herdada pelo projecto do passeio parcelado de Casimiro Meseguer.

Das diferentes propostas, surge em 1939 o projecto sob a responsabilidade do Arquitecto Javier Goerlich que propõe os alinhamentos dos Povoados Marítimos e a zona de extensão urbana, modificando o traçado do Passeio e fazendo-o chegar até à praia pela parte correspondente a Cap de França, a norte. Este plano manteve-se vigente durante 7 anos e de todas as propostas seria a que menos contribuíra para factores de isolamento, destruição e descaracterização do bairro. Esta intenção do prolongamento da Avenida interceptar a norte com o bairro, faria com que a sua fragmentação fosse a menor possível: consequência do prolongamento se aproximar ao máximo de um limite perimetral do bairro, neste caso o limite norte. Esta opção traria também benefícios na articulação do bairro com a sua periferia a poente e respectiva conexão com a cidade de Valência, dando continuidade aos tradicionais caminhos que conectavam os dois pontos da cidade. Nesta última visão, o bairro poderia hoje ter uma ligação mais forte com a cidade de Valência e evitaria a pressão demográfica sobre os habitantes que viviam no núcleo antigo do Cabanyal, preservando-o e mantendo também o património do bairro – um factor que mais à frente analisaremos e que ganha relevo no contexto das decisões a tomar. No entanto não se pretende

11. Plan Parcial 13

apoiar este plano, pois continua a ser um plano que iria destruir com muitas habitações e pressionar famílias a abandonar as suas casas, assim como todas as propostas para o prolongamento da Avenida.

Desde 1952 que se desenvolveram novas propostas para o prolongamento da Avenida até à praia. Todas elas afectavam a zona central do bairro, dividindo-o em duas partes: uma propõe que o prolongamento da avenida siga ortogonal à praia; outra propõe uma ortogonalidade com a trama existente no bairro; e, por último, existe a proposta de prolongar a avenida sem criar nenhum eixo de rotação e por isso seguir sempre com a mesma orientação até ao encontro com a praia. Todas estas propostas tiveram uma vigorosa resposta dos moradores do Cabanyal que impediram a aprovação destas.

Passadas duas décadas e numerosas tentativas falhadas para o prolongamento da Avenida, em 1974 foi aprovado o Plano Parcial 13. Este plano propõe a continuação da avenida até ao mar sempre na mesma direcção; na sua memória, o autor reconhece que, com o prolongamento, um bairro é destruído. Com a aprovação do plano, a incerteza sobre o futuro do bairro promove o abandono de edifícios e este torna-se numa ruína urbana que afectará todos os habitantes do edificado que o plano destina demolir.

12. Panorama da Frente marítima do Cabanyal e Av. Blasco Ibañez

13. Estado de abandono do edificado no Cabanyal

14. Estado de abandono do edificado no Cabanyal

1.5 Uma perspectiva de protecção e intervenção

Em 1978, o Ministério da Cultura incluía o bairro El Cabanyal-Canyamelar no arquivo de declaração de Conjunto Artístico Histórico a favor de seis zonas da cidade de Valência. Desta forma o bairro ia resistindo ao desejo de prolongar a Avenida até ao mar. Mais tarde, em 1984 e 1993 acentuam-se mais a protecção do bairro, com novas declarações da Câmara Municipal e do Governo Regional, sucessivamente, tendo este último declarado o bairro como Bem de Interesse Cultural (B.I.C).

Em 1998, durante uma nova década de viragem à direita no panorama político da cidade, surge um novo plano que afectará o bairro: o Plano Especial de Proteção e Reforma do Interior do Cabanyal-Canyamelar (PEPRI), que propõe o prolongamento da referida avenida através da estrutura urbana do bairro.

Nenhum destes planos está actualmente no pensamento dos governantes de Valência. No entanto, todas estas décadas de incerteza sobre o futuro do bairro, afectaram-no: pressionando os moradores a deixar as suas habitações na área a intervir para a construção da Avenida e criando uma desvalorização das habitações no Cabanyal. Consequências atrás de consequências, como se de uma bola de neve se tratasse, na última década vivia-se no bairro uma sensação de desconforto, insegurança, abandono e maus tratos dos espaços públicos. Estas características, nas quais os moradores antigos do bairro não se revêm, levaram a que o bairro funcionasse como uma ilha: uma ilha que se foi formando através das questões anteriormente referidas e que contribuíram para a sua formação enquanto elemento isolado. Quem fazia o percurso do centro da cidade até nascente, assim como quem percorria outrora os caminhos que atravessavam os campos de Santo Tomás, contornava o bairro em vez de o atravessar, e um bairro sem movimento é um bairro insustentável. Conclui-se portanto a urgência de uma intervenção social e urbana que estimule a sustentabilidade, a heterogeneidade, a multiculturalidade e o dinamismo do bairro.

15 . Manifestação pela defesa do Bairro El Cabanyal-Canyamelar.

II | Atitudes. Planos de Ruptura e Continuidade.

2.1 PGOU 1988.

2.2 PEPRI.

2.3 O programa EDUSI.

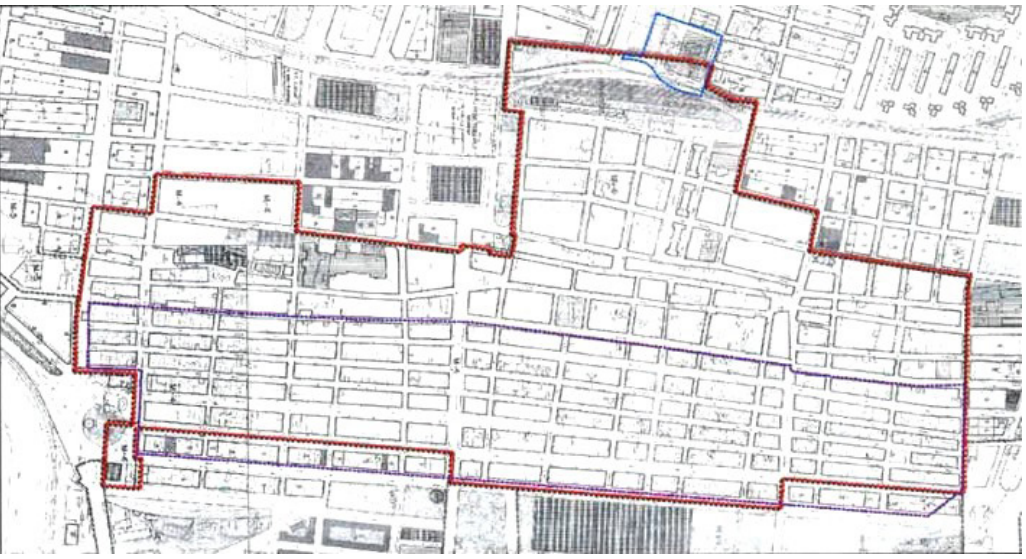
2.4 Plan Especial El Cabanyal.

2.5 Via Verde Cabanyal.

"Cidade: detritos da história e da geografia que o Homem transforma, destrói, inova, evoca, retoma."

Álvaro Siza
03 Textos, Cidade, 2019, p. 26

Durante o Capítulo II, serão estudados planos que tiveram no passado recente um forte impacto para a criação de uma incerteza de morfologia urbana no bairro. Esta incerteza teve várias consequências e criaram-se movimentos de contestação por parte dos moradores. Estes planos serão analisados e perceber-se-á de que forma contribuiram positivamente ou negativamente para a sensação de isolamento que o bairro tem vivido.



16. Área limitada a vermelho abrangida pelo M4, do PGOU 88

2.1 PGOU 1988

Em 1984 foi iniciada a elaboração do novo Plano Geral de Urbanismo da cidade de Valência. Este documento sobre o novo plano contemplava a eliminação de dois elementos assumidos nos planos anteriores: a auto-estrada pelo litoral e o prolongamento do Passeio que já recebia o nome de Avenida Blasco Ibañez. No entanto, quando o PGOU foi aprovado, em 1988, reaparece de novo o desejo de prolongar o velho Passeio até ao mar, mas o custo social envolvido na operação aconselhou diferir a solução do prolongamento da Avenida para um estudo posterior. Desta forma manteve-se a incerteza sobre o futuro do núcleo central do bairro, directamente afectado pela realização do desejo de prolongamento da nova Avenida.

O PGOU de 1988 divide o bairro em duas zonas com diferentes intenções de ordenamento de território: uma zona a poente da rua de Dr. Lluch inserida no âmbito M4 e a restante a nascente dessa mesma rua no âmbito M3 do PGOU.

O núcleo antigo do bairro, considerado Bem de Interesse Cultural (BIC), insere-se assim no âmbito M4. Nesta zona o Plano estabelece alguns objectivos que interessam para o entendimento do impacto do mesmo sobre o bairro:

- Redefinição de catálogos, graus de protecção e alcance dos mesmos;

- Definição de usos e aproveitamentos na perspectiva da conservação de tipologias arquitectónicas e malhas urbanas fundamentais existentes, que sejam compatíveis com o ordenamento previsto para a conexão do Paseo al Mar com o Paseo Marítimo. Esta conexão, que neste caso ficará ordenada e desenvolvida através deste plano, previa a análise e decisão sobre a sua continuidade ou não, com desenho e larguras similares ou diferentes. Deverão prever-se, em qualquer caso, os mecanismos de gestão urbana adequados para assegurar uma justa divisão de benefícios e responsabilidades.

- Definição de alinhamentos exteriores e interiores com base em critérios de protecção e regularização de espaços privados e públicos.

- Redefinição do regulamento de usos.

- Ordenamento da área final da Avenida Blasco Ibañez onde está localizada a nova Estação RENFE – CABANYAL e o ordenamento resultante da formulação eleita para a conexão da cidade com a frente marítima.

- O Plan Especial seguirá os critérios estabelecidos na secção 2.2.2. da Memória Justificativa sobre a atribuição do que é edificável no prolongamento do traçado actual.

Pode-se concluir que, com estes objectivos do PGOU, a malha urbana do bairro deve ser adaptada ao prolongamento da Avenida Blasco Ibañez, ainda que venham a ser estudadas as suas dimensões. Apesar de haver uma intenção de conservação das tipologias edificadas, nas zonas do tecido urbano que não são afectadas pelo prolongamento da Avenida, o Plano demonstra uma atitude que vai dividir o bairro em duas partes: a zona norte e a zona sul. O prolongamento da Avenida vai surgir aqui como fronteira entre duas zonas.

Enquanto a incerteza a poente da rua Dr. Lluch é consequência do prolongamento da Avenida Blasco Ibañez, a nascente o sentimento de incerteza existe pela falta de ordenamento para um território que serviu a rede de caminhos-de-ferro e a indústria relacionada com a actividade piscatória e portuária.

Grande parte dos caminhos que fazem a malha do bairro são interrompidos quando encontram esta zona a poente de Dr. Lluch. Actualmente já não existe a rede de caminhos-de-ferro, no entanto as grandes parcelas ocupadas pelos armazéns surgem como uma barreira física para a continuidade desses caminhos. Muitos destes armazéns estão hoje abandonados, outros usados para actividades de comércio nocturno, outros reabilitados para

17. Área limitada a vermelho abrangida pelo M3, do PGOU 88

restauração e existem ainda casos onde as grandes parcelas se mantêm, apesar de já não existirem os armazéns ou casos em que essas parcelas agora são ocupadas com edifícios de habitação.

Conferimos então que a divisão do bairro em duas zonas inseridas em diferentes âmbitos foi prejudicial para a leitura de continuidade da malha urbana do Cabanyal. Esta fronteira criada na rua Dr. Lluch, vai contribuir para esse sentimento de isolamento que se vem afirmando no final do século XX. É uma fronteira que limita a continuidade morfológica do bairro e que não estimula o interesse privado para a construção de novos edifícios de habitação. A somar a esta barreira interna do bairro, junta-se o problema do agrupamento de famílias em risco de exclusão social. Esta concentração de colectivos vulneráveis, a ausência de respostas sociais e de actividade económica vão ter consequências que hoje se procuram resolver, como são por exemplo os conflitos sociais, a violência, o tráfico de substâncias ilegais, o desemprego, a baixa escolaridade, o envelhecimento da população, entre outros factores. Este somatório de problemas criados a partir de decisões de políticas sociais e urbanas discutíveis contribuíram para o abandono desta zona do bairro e para a falta de investimento. A zona inserida no âmbito M3 do PGOU de 1988 mostra um potencial enorme na comunicação da praia com o bairro e consequentemente com a cidade. A estratégia de intervenção a propôr deve ter em conta as consequências deste Plano Urbano, como aprendizagem. Esta zona terá especial atenção nos planos que se seguem, por estar localizada numa parte importante do bairro para a comunicação de e para o bairro.

18. Prolongamento da Av. Blasco Ibañez, segundo o PEPRI

19. Área afectada directamente pelo PEPRI

2.2 PEPRI

No seguimento do PGOU, surge o PEPRI em 1998. O Plano Especial de Proteção e Reforma Interna do Cabanyal centra-se na materialização de um plano urbano que propõe o prolongamento da Avenida Blasco Ibañez até à praia, um desejo antigo de vários governos valencianos, em virtude da manutenção do bairro. Este desejado plano surge durante um contexto político favorável que apoiava o respectivo prolongamento da Avenida. Durante a primeira década deste milénio, o PEPRI foi responsável pela degradação de um grande número de edifícios no Cabanyal. As empresas construtoras responsáveis pelas empreitadas foram abandonando os seus projectos, deixando para trás casas abandonadas, destruídas e lotes vazios. Este abandono contribuiu para a degradação do bairro e acentuou os problemas sociais. Condenando à ruina grande parte do edificado e das ruas mais antigas do bairro, em paralelo com o agravamento dos problemas económicos e sociais, o PEPRI acaba por ser contraditório ao próprio nome, não protegendo o bairro e os seus habitantes. Ainda assim o plano do prolongamento da Avenida mantinha-se em cima da mesa e havia mesmo quem o achasse a melhor solução – possivelmente porque não viam que a governação de Rita Barberá (PP) fosse ao encontro das expectativas de protecção do bairro e seus habitantes e pela sensação de insegurança causada por estes anos no limbo de incertezas políticas, sociais e urbanas.

"A Câmara permitiu e até facilitou a degradação da zona, porque isso favorecia o plano, convencia as pessoas a pensarem que era melhor haver uma avenida"[5].

"Os autocarros não entram, os carros são escassos e as pessoas de fora evitam visitas. (…) Ruas sujíssimas, prédios a cair aos bocados, caixotes do lixo incendiados, espaços verdes quase sem verde. E grupos. Muitos grupos de pessoas espalhados pelas ruas, a não fazer nada, apenas a vaguear ou

5. Vicente Gallart, em: "Cabanyal , o bairro que é uma metáfora espanhola." João Pedro Pincha. Observador, 2015

a vasculhar contentores."[6] – relata João Pedro Pincha, numa reportagem pelo Observador em 2015.

"Queremos o Cabanyal para as pessoas normais. Não queremos nem reformados alemães, nem ciganos romenos, nem pintores franceses, nem yuppies americanos. Queremo-lo para todos"[7].

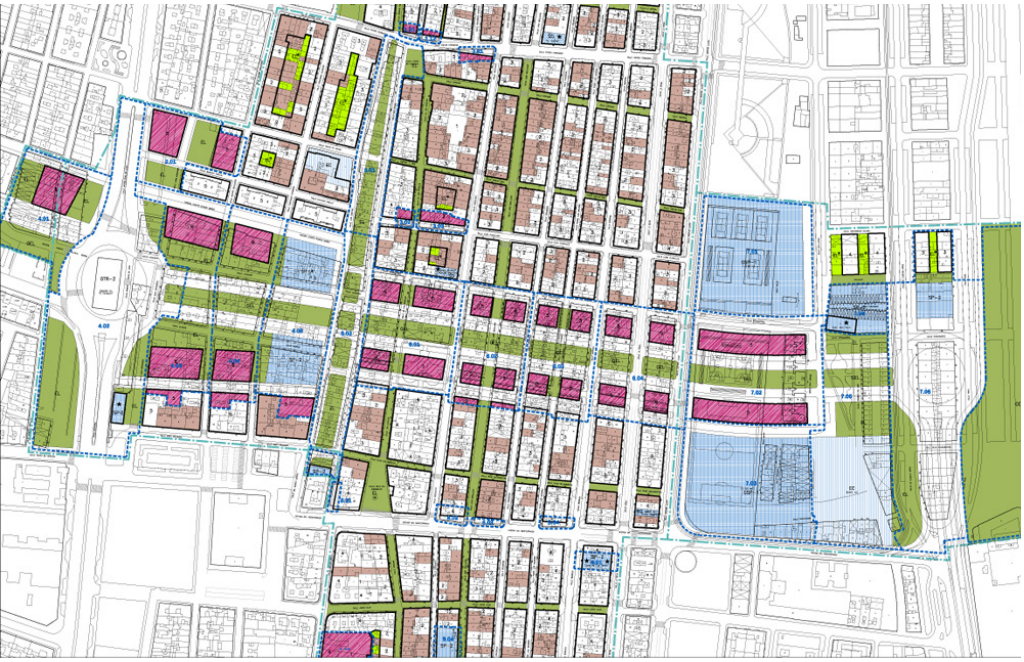
O Partido Popular, que governava a Câmara Municipal, apresentou três soluções para a resolução desta incógnita que tantos anos duraria:

Solução 1 – Prolongamento da Avenida Blasco Ibañez em linha recta e mantendo a largura da secção actual, em 100 metros. Esta proposta levaria a Avenida até ao actual Hotel Arenas.
Solução 2 – Prolongamento da Avenida Blasco Ibañez com uma direção ligeiramente torcida para norte, adaptando-se à malha urbana do Cabanyal e reduzindo a largura em secção para 48 metros.
Solução 3 – Sem prolongamento da Avenida Blasco Ibañez e previsão de uma grande praça no encontro da actual Avenida com a avenia Serrería, como solução para fechar o encontro da Avenida com o Bairro marítimo.

Este conjunto de alternativas foi submetido para consulta popular, que obteve uma resposta da Associação de Vizinhos e a plataforma Salvem el Cabanyal com a elaboração de um documento que pedia um novo planeamento urbano com a participação local e que respeitasse o património, a malha urbana e que não envolvesse demolições generalizadas. Este documento obteve em poucos dias, o apoio de mais de 3000 assinaturas.

No entanto este documento não foi considerado, pelo que a Câmara aprovou a 2ª das três soluções apresentadas, na qual se prolonga a Avenida até ao mar, com uma ligeira torção para adaptação à malha urbana do Cabanyal e na criação de uma avenida/*boulevard* paralela à avenida

6. Cabanyal, o bairro que é uma metáfora espanhola. João Pedro Pincha. Observador, 2015
7. Vicente Gallart, em: Cabanyal , o bairro que é ua metáfora espanhola. João Pedro Pincha. Observador, 2015



20. Projecto proposto pelo PEPRI

Serrería, que iria demolir os números ímpares da rua Sant Pere e os pares da rua Luis Despuig. O eixo central da Avenida seria marcado por uma secção de 48 metros de estrada e a soma de 20 mais 10 metros de ambos os lados, para blocos de edifícios, passeios e separações entre terrenos existentes, excedendo os 100 metros de secção que afectariam todas as ruas centrais da área correspondente ao Cabanyal: precisamente a zona melhor conservada e menos afectada pelo desenvolvimento iniciado nos anos 60.

Desde os anos 90 até à aprovação do PEPRI (2001) – década com governação do PP – que a ideia de prolongar a Avenida nunca foi abandonada. Na concretização do PEPRI, 1651 casas do bairro seriam demolidas e milhares de pessoas teriam de sair da zona e ir viver para outro sítio qualquer: provavelmente para uma periferia ainda mais longe do centro de Valência, ainda mais longe das oportunidades. É irreal pensar que os mesmo moradores que tinham vendido as suas casas por baixos valores, devido à desvalorização imobiliária que o bairro sofreu durante os seus anos de degradação, venham a comprar os novos apartamentos de luxo que se planeavam no PEPRI, juntamente com as torres de escritórios e comércio destinado a classes sociais mais altas.

Além do PEPRI afectar cerca de 1/3 do distrito de Cabanyal, e correspondente à zona que melhor preservava as características do bairro, este plano iria também dividir o bairro em duas partes, criando uma nova barreira de comunicação, mas desta vez dentro do próprio bairro e comunidade, através dessa movimentada Avenida que se prolonga até ao mar.

A luta da população do Cabanyal com protestos, manifestações e outras acções de rua, resultou na suspensão do PEPRI, por parte do Ministério da Cultura em 2009 e 6 anos depois a Câmara suspendeu esse plano. No entanto quando passeamos pelo Bairro, actualmente, vemos muitas habitações abandonadas, zonas de terra com memórias do antigo parcelamento do bairro. Um fantasma criado pela pressão destes avanços e recuos do Estado com planos urbanos que degradaram extremamente o Bairro El Cabanyal-Canyamelar. Podemos ver na fig. 21, a zona mais

21. Lotes vazios a vermelho e abandonados a laranja, cerca de uma década após aprovação do PEPRI

afectada do bairro com uma grande mancha de edificado a necessitar de reabilitação ou de lotes urbanos vazios, que corresponde à zona dos planos da nova avenida que iria até ao mar.

A actuação da Câmara Municipal teve, ao longo dos anos em que o PP governou, um mau desempenho na gestão deste problema. Esta governação apoiou uma degradação do bairro na área afectada pelo prolongamento proposto pelo PEPRI, seja pela demolição de imóveis, seja pela atribuição de imóveis sem condições de habitabilidade, como a constituição espanhola exige, a populações em risco de exclusão social. Com estas acções, a criminalidade aumentou, a vida nesta zona do bairro deteriorou-se e os moradores perderam qualidade de vida, desvalorizando a zona e consequentemente os imóveis. A zona a intervir pelo PEPRI era assim o epicentro de um cenário de cidade fantasma, marginalizada e desprezada, com uns lotes vazios e outros fechados à espera de serem demolidos, num processo em que a Câmara Municipal chegava a acordos com moradores, para adquirir essas propriedades que preenchiam os lotes, na área a intervir pelo PEPRI.

O PEPRI parece-me uma alavanca para tornar o bairro Cabanyal num bairro ilusório, no sentido em que se quer impôr a modernidade à força, tentanto manter algumas características meramente visuais e físicas do bairro, na zona envolvente da nova Avenida. Ilusão, também porque os moradores destinados a este novo plano não são os que já lá habitavam. Os moradores do Cabanyal limitavam-se às traseiras dos novos blocos de habitação com vários pisos, que circundariam a Avenida.

É por motívos como estes que o PEPRI não corresponde a um plano de proteção, como o "P" refere. É um plano que destrói um bairro, uma comunidade, um misto de culturas e ideias. Algo que o Ministério da Cultura também concorda, suspendendo o PEPRI. Esta suspensão é importante e marcante, no entanto a motivação desta é posta aqui em causa. Esta suspensão existe por causa da valorização do património. O património tornou-se a razão da suspensão do plano num momento em que a perda de moradores agravava o problema demográfico. Sente-se que o património

22. Apresentação do PEPRI, por Rita Barberá

23. Manifestação pela proteção do bairro El Cabanyal-Canyamelar

tem mais valor que a sociedade e esta realidade, triste, deve ser contrariada. Se não protegermos as sociedades, de pouco nos vale o património, pois deixamos de ter o património habitado. Se a motivação da suspensão do PEPRI tivesse sido por questões sociais, talvez hoje tivéssemos mais avanços e estivéssemos mais próximos de atingir a regeneração urbana e social do bairro.

O problema actual é a palavra "Suspensão": os moradores não estão convencidos que o plano do prolongamento da Avenida terá sido esquecido e abolido. Alguns dizem mesmo "basta que o governo mude e o plano da Avenida volta."

Lê-se num artigo de Maio de 2010, na plataforma Salvem El Cabanyal, o descontentamento dos moradores com as medidas tomadas pelo governo do PP, mais especificamente da governação onde pertencia Rita Barberá, entre 1991-2015: *"El Cabanyal s'ha recuperat de moltes catàstrofes (incendis, còlera, riuades, bombes) romanent unit al llarg de la seva història. De l'última catàstrofe, el govern del PP, també ens recuperarem. / O Cabanyal recuperou de muitas catástrofes (incêndios, cólera, inundações, bombas) que fazem parte da sua história. Da última catástrofe, o governo do PP, também nos recuperámos."*

…

"el PEPRI representa un model de modernitat desfasat, basat en la vialitat i que ignora els avantatges de la vida a peu de carrer que es desenvolupa, des de sempre, al Cabanyal: un model de vida sostenible, amb poc trànsit, que aprofita de meravella la lluminositat natural i que converteix el carrer en l'eix de la vida veïnal. / O PEPRI representa um modelo de modernidade disfarçado, baseado na avenida e que ignora as vantagens da vida na rua que desde sempre se desenvolveu no Cabanyal: um modelo de vida sustentável, com pouco trafego automóvel, que aproveita a maravilha da luminosidade natural que reflete no eixo das ruas entre vizinhos."[8]

---

8. El PEPRI, un plan de Reforma Interior Sense Protecció. Salvem Cabanyal. Maio, 2010.

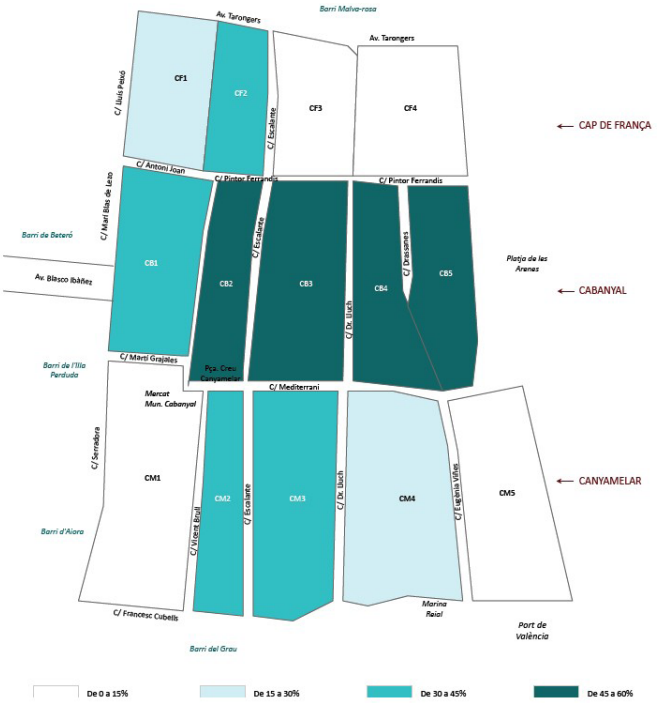
24. Logotipo do programa EDUSI

2.3 O programa EDUSI

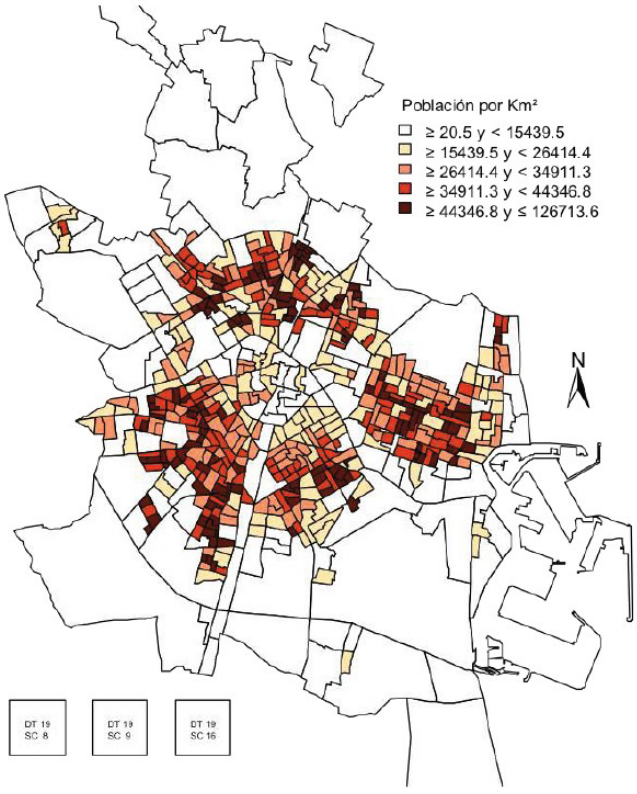
O programa EDUSI, além de um programa de desenvolvimento urbano e sustentável com um programa detalhado, orçamentado e com directrizes lançadas, é um levantamento actualizado do bairro El Cabanyal, realizado em 2015, ano em que o PP deixou a governação da Câmara Municipal. Este plano foi criado com a intenção de chegar a todos os cantos da actividade económica, social e até imobiliária do bairro: de aulas de informática para pessoas sem recursos ao desenvolvimento de uma praça, da construção de estacionamentos em lotes vazios a ajudas para dinamizar o comércio local. Em suma, 15 milhões de euros foram colocados à disposição pela UE, através dos fundos FEDER, e o mesmo montante pela Câmara Municipal. Este programa consulta a opinião dos habitantes do bairro, criando oficinas de participação para a população. Surge, finalmente, um programa de protecção para o bairro, contrariando assim os últimos planos urbanos que resultaram na degradação do bairro El Cabanyal.

Num primeira análise das questões físicas, o EDUSI denuncia o estado de conflito social e a degradação do edificado, como consequência das demolições e abandono nos últimos 20 anos; aponta para a questão da habitação no piso térreo, uma característica muito própria do bairro e da sua cultura de uso da rua, por vezes como uma extensão da própria habitação; concluem que é possível introduzir mais população no bairro, sem densificar o tecido urbano; percebe que a Avenida Serrería limita a conectividade entre o bairro e o resto da cidade, caracterizando-a como perigosa de atravessar, tornando-a num obstáculo. No seu plano de intervenção, escasseia o número de zonas verdes, algo que a população do bairro pede com insistência.

O EDUSI chegou também a conclusões sobre os consumos energéticos no bairro, desde os diferentes consumos entre o edificado de Rés-do-Chão e 2 pisos orientados a Este e o edificado apenas de Rés-do-Chão orientado a Oeste, ao desenho dos pontos de iluminação das ruas na medida em que os actuais desperdiçam demasiada energia elétrica.



25. Proporção de locais comerciais sem actividade, em 2015

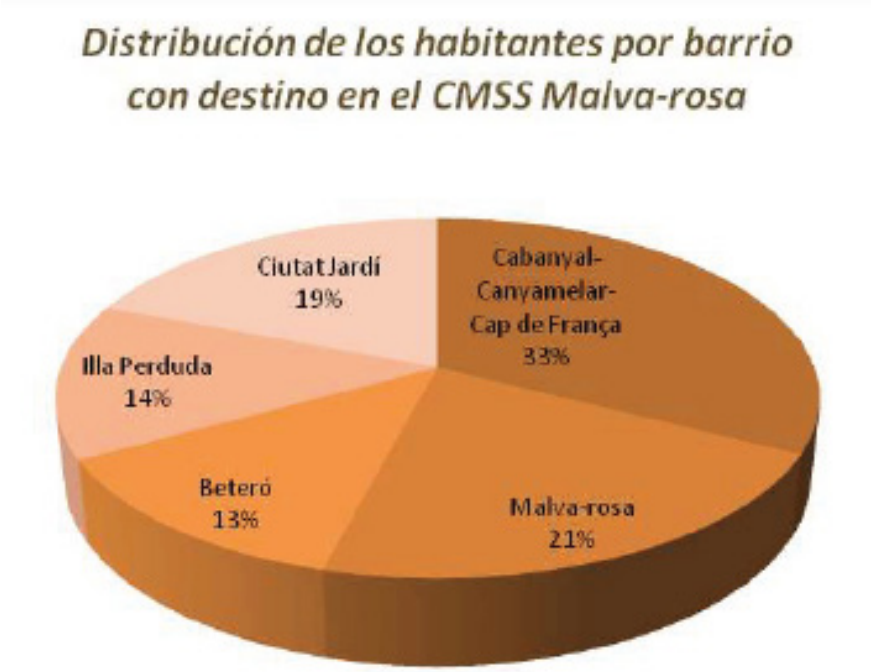


26. Densidade da População em Valência, 2014.

Durante a análise económica do Bairro é apontado um retrocesso na rede comercial do bairro, afetando mais directamente o comércio local. Com a perda de população e com o decréscimo do PIB *per capita*, consequências directas da pressão imobiliária causada pela imprevisibilidade do futuro do bairro, os estabelecimentos como padarias, mercearias, mini-mercados, lojas de mobiliário, cafés e pequenos negócios de restauração foram fechando, deixando ao abandono grande parte do piso térreo deste conjunto edificado com maior influência sobre a zona afectada pelo PEPRI. Foram escapando algumas lojas que ladeavam o mercado, a praia e o Porto de Valência: zonas onde a circulação de pessoas continua activa. A sensação de insegurança, que surge devido à falta de movimento pedonal e de atividades comerciais, não estimula nem os comerciantes a apostar no seu sector, nem a própria procura pelo produto, entrando assim num ciclo vicioso.

Com o levantamento demográfico, pode dizer-se que o Cabanyal é um bairro de contrastes: povoado, mas pouco denso devido à tipologia do seu edificado; envelhecido, mas com alguma presença de jovens e crianças, o que significa que a população activa é a que tem menos presença no bairro; muitos "imigrantes" como povos ciganos de origem romena, devido às estratégias usadas pela Câmara para implementar o PEPRI. Saliento uma curiosidade mais recente que a análise da EDUSI que é o interesse por estudantes estrangeiros ao abrigo de programas como o ERASMUS +, a habitar o bairro durante a sua estadia de seis meses a um ano, o que é um factor bom para dinamizar o bairro e, tirando a presença de algum ruído pontual, é bem acolhido pela maioria dos habitantes do bairro.

Dentro da situação social que se vive no bairro, este programa aponta para problemas de convivência entre os habitantantes do bairro, registada desde a chegada de imigrantes ao bairro. Com a chegada de imigrantes maioritariamente famílias de etnia cigana romena, agravaram-se os problemas de relacionamentos no bairro. Os moradores mais antigos queixam-se de insegurança, de falta de higiene, do tráfico e consumo de droga a céu aberto, de ruído, da ocupação de alguns espaços públicos como jardins e praças, danificando-os. Esta situação é mais uma consequência



27. Gráfico de distribuição de habitantes por bairro, com destino ao CMSS MALVA-ROSA

das medidas do PEPRI. Importa salientar que este levantamento é de 2015. Hoje a situação não apresenta tantos atritos e há mais policiamento em todo o bairro. A integração de imigrantes no bairro, não é nem pode ser um problema social e de identidade do bairro, no entanto a maneira como estes imigrantes foram empurrados para o bairro, agrupando-os, pode ter sido o mote para alguns destes problemas de convivência e exclusão social. É pertinente que a estratégia de intervenção a desenvolver seja sensível a questões de integração social e seja pensada de que forma o planeamento urbano pode ser uma alavanca para resolver conflitos sociais e criar heterogeneidade na cidade contemporânea, estimulando a integração social através do espaço público. Essa mesma estratégia deve perceber os resultados do agrupamento de famílias em risco de exclusão social, de forma a sugerir uma solução que não seja expulsá-las do bairro. O gráfico da fig. 27 mostra a percentagem de habitantes que o Centro Municipal de Serviços Sociais da Malva-Rosa encaminha para o Cabanyal, refletindo a gravidade do problema relativo à inclusão social no bairro.

Em síntese, a análise da EDUSI reconhece o valor do tecido urbano do conjunto Cabanyal-Canyamelar-Cap de França e a disponibilidade de lotes vazios para acolher uma diversidade de programa, desde os lotes correspondentes a casa demolidas por consequência do PEPRI à zona entre a rua Dr. Lluch e o Passeio Marítimo junto à praia, permitindo o planeamento de novas habitações e equipamentos, aliado à reabilitação de habitações degradadas e abandonadas. Esta oportunidade de crescimento através da construção e reabilitação pode contribuir para a introdução de energias renováveis nos processos de construção, através de incentivos aos projectos que as integrem. O racio de equipamentos públicos por habitante é inferior ao resto da cidade, justificando investimento na construção de novos equipamentos.

É reconhecida a fraca acessibilidade entre o conjunto em estudo e os bairros vizinhos e uma infra-estrutura débil dentro do próprio bairro para a mobilidade suave (peões e veículos sem motor).

Há um forte apontamento para o processo de degradação urbana e de fragmentação social, com uma difícil convivência entre moradores do bairro. Como consequência deste processo criado por acções durante a governação do PP, a sensação de insegurança, a falta de higiene pública e os comportamentos marginais aumentaram significativamente.

O intenso processo de degradação urbana e social sobre a área central do bairro (correspondente ao PEPRI), gerou um grande desequilíbrio comercial em outras actividades não residenciais. A projecção comercial do bairro é fraca em relação ao resto da cidade, e não é atractiva para visitantes.

A regeneração urbana e social do bairro seria portanto uma oportunidade para a reactivação do tecido comercial do bairro e para a atracção de visitantes com finalidades comerciais e recreativas. A proximidade ao mar e ao pólo universitário mais importante da cidade, aliados à forte atracção turística, são pontos favoráveis para potenciar este processos de regeneração urbana e social.

Previa-se que em 2021 tudo deveria estar terminado e certificado, mas os fracassos começaram a surgir e desta vez sob a governação de esquerda. Mais de 70% dos projectos apresentam atrasos significativos. Os moradores não vêm justificação possível para atrasos de pelo menos um ano em cinco projectos com máximo impacto social como o Centro Cívico, a Creche, o Centro de Terceira Idade, a Escola com oficinas e a Casa dels Bous-Museo del Mar.

Em anexo apresentar-se-á uma tabela que acompanha esta síntese onde serão visíveis as debilidades, as ameaças, os pontos fortes e as oportunidades, que o EDUSI põe em evidência.

Dentro dos objectivos traçados pelo EDUSI a longo prazo, destacam-se os seguintes que se concluem favoráveis para a estratégia de intervenção a propôr:

- Intervir sobre a zona central e mais degradada do bairro Cabanyal-Canyamelar-Cap de França com o objectivo de regenerar fisicamente o contexto urbano.

- Reconstruir e reabilitar o edificado degradado do bairro para facilitar o acesso da população a zonas abandonadas durante os anos de degradação.

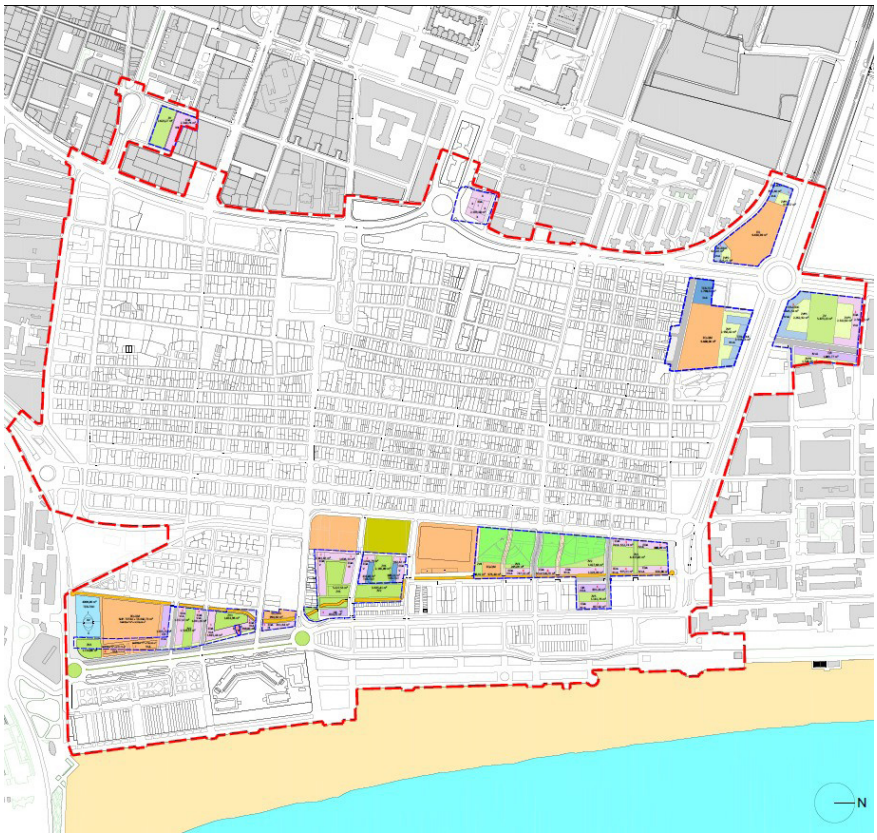
- Incorporar zonas verdes e equipamentos públicos que melhorem o meio ambiente urbano do bairro na zona de intervenção.

- Incorporar sistemas de transporte sustentável, facilitar a acessibilidade da população e melhorar a conectividade do bairro com o conjunto da cidade.

- Melhorar a convivência dos vizinhos do bairro para diminuir os conflitos sociais e culturais mediante a reserva de espaços públicos para a construção de infra-estruturas culturais.

- Melhorar os níveis de atenção social e educativa dos colectivos vulneráveis (mulheres, terceira tdade, população infantil) com a implementação de programas específicos e a construção dos mesmos através de equipamentos públicos que gerem o processo de reabilitação do bairro.

- Incorporar o património reabilitado no programa de reactivação comercial e turismo urbano.



28. Limites da área de acturação, do PEC.

2.4 Plan Especial del Cabanyal-Canyamelar

Este plano surge, como a última jogada neste "ping-pong", de atitudes políticas, com consequências sociais e de desenho urbano. O PEC foi elaborado para ser um plano de proteção e aplicação dos valores patrimoniais do bairro, anulando definitivamente o PEPRI e respectivo prolongamento da Avenida Blasco Ibañez. Este plano estabelece normas da esfera urbanística que oferecem melhor resposta às zonas de categoria Conjunto Histórico, regulando com detalhe os requisitos do edificado, o uso do solo e ainda as actividades ligadas aos imóveis e ao seu entorno. Ele é realizado segundo o art. 20.1 da lei 16/1985, de 25 Junho, do Patrimonio Histórico Español, que obriga à realização de um Plano Especial de Protecção, para conjuntos históricos, declarados Bem de Interesse Cultural.

Não é da competência do PEC definir o desenho dos espaços livres e viários, mas este regulará o ordenamento do território: onde se pode construir e como, que tipos de usos são permitidos (residencial, terciário, …), onde planeiam os espaços livres e ainda onde construir equipamentos segundo necessidades. O PEC regulará também a estratégia de protecção do património, de forma a manter a identidade do bairro e o seu reconhecimento, e a gestão do desenvolvimento das acções propostas de forma a que seja viável a sua execução.

O PEC surge como o primeiro plano que pensa pela primeira vez no bairro como um todo, aliás, este cria os limites de actuação inseridos já nos bairros vizinhos, pressupondo-se que é pensada uma estratégia de integração do Cabanyal com os mesmos. Este pensamento será importante para resolver a sensação de isolamento que vamos vendo enunciado ao longo da dissertação.

São apontados, no diagnóstico feito pelo PEC, alguns factores que interessam na resolução do problema que se vem apontando. Entre eles, é referida a relação directa entre a estrutura urbana e seus espaços com a estrutura social. Aponta para o potencial da estrutura urbana do bairro, procurando criar regras que mantenham a sua vitalidade e diversidade

e que contribuam para as questões de conexão com a cidade, os bairros vizinhos e a praia.

Pela primeira vez, ao longo destes anos de pensamentos e ideias, surge a preocupação relacionada com as articulações do, e para o, bairro. Este plano aponta directamente para as zonas identificadas com problemas de articulação, admitindo que a história do bairro teve um contributo importante no desenvolvimento da estrutura urbana. A transversalidade nascente-poente é a que recebe o papel principal, nestas preocupações de articulação, com o eixo da Serrería e a Av. Blasco Ibañez definindo uma barreira a poente e o parque de Dr. Lluch, correspondente à antiga rede de caminhos-de-ferro de apoio ao porto, a nascente.

Neste diagnóstico foram ainda identificadas as propriedades públicas dentro dos limites da estrutura urbana, anteriormente referidos. Este passo é importante para perceber a linha a seguir na estratégia de intervenção, sem estar dependente do sector privado. Após este diagnóstico, o PEC quer incentivar o interesse privado na reabilitação e construção de novo edificado, impulsionar novas fórmulas de acesso à habitação para as diversas situações socio-económicas existentes no bairro e proteger a diversidade social e do edificado. Estas ideias, ainda que pouco exploradas são ideias base para trabalhar a heterogeneidade do bairro, desde os seus habitantes às suas habitações.

Surge então a proposta de desenho urbano do PEC, com morfologias e programas definidos. Este é o grande ponto de interrogação que um leitor do seu programa fará: é difícil fazer uma relação entre o programa do PEC e o projecto apresentado. Pergunta-se: o que se passou? Após comparação entre ambos e conversas com colaboradores da primeira equipa do PEC, percebemos que há dois momentos do PEC, que corresponde à transição de equipas do mesmo. A partir desta transição, associamos a primeira equipa ao programa escrito e documentado do PEC e a segunda equipa ao desenho urbano apresentado.

Após a separação do PEC em dois momentos, é factual que o primeiro momento do PEC traça objectivos bastante positivos para a regeneração social e urbana do bairro, como a recuperação de um bairro de carácter residencial, onde a presença de habitantes não-residenciais não seja um problema e que os seus habitantes não se sintam ameaçados por outros usos e desafios; um bairro heterogéneo nos edifícios e em pessoas; um bairro equilibrado e sustentável; um bairro onde o novo coopera com o existente, nos processos de re-desenho da sua estrutura urbana, mantendo-a reconhecível e valiosa; um bairro integrado na relação com os bairros vizinhos e que recupere a sua relação íntima com a praia, sugerindo que toda a sua estrutura urbana seja um elemento de articulação coeso entre o mar e a cidade de Valência.

Conclui-se que o primeiro momento do PEC é dotado de pensamentos positivos de protecção do bairro e suas gentes, não abdicando de o tornar contemporâneo nas formas de habitar, contrariando os planos anteriores que foram criando problemas sociais, de morfologia urbana e de integração do bairro na cidade de Valência. A estratégia de intervenção a propor deverá ter em conta medidas que contribuirão para garantir uma melhor integração do bairro na cidade contemporânea, mantendo a sua cultura de relação da habitação com a rua, as suas características de bairro maioritariamente residencial e priveligiando o tráfego lento pelos seus caminhos que são peça chave na comunicação dentro do próprio bairro, como do bairro para o exterior e vice-versa.

A interrogação surge quando é apresentado o projecto de desenho urbano pelo PEC. Para onde foram estes ideais (referidos nos parágrafos anteriores)? A distribuição de programa não residencial é proposto junto aos perímetros do bairro. A proposta referente ao antigo Trazado Trenet tem um carácter muito sólido e austero: surgem blocos de habitação no perímetro dessa área referente aos antigos caminhos-de-ferro. É um desenho com pouca inclusão de percursos, representando uma barreira física nos caminhos e antagónica à multiplicidade de encontros e percursos que se desejava para esta área do bairro. O "passeio verde" surge no tardoz do novo edificado. Quem é que quer ir passear entre as traseiras de edifícios? Esta proposta

29. Proposta do plano urbano desenvolvida pelo PEC.

parece antagónica aos ideais de inclusão e heterogeneidade que a primeira equipa do bairro procurou explorar nas suas directrizes. O que acontece às famílias que viviam nos Blocos Portuários? Nesta proposta, é clara a intenção de demolir os Blocos Portuários e construir novo edificado na mesma zona, com diferentes morfologias. E os moradores? Uma das directrizes iniciais do PEC é de não expulsar ninguém do bairro e procurar uma solução a partir do diálogo e da democracia participativa. Duvida-se que tenha sido consensual a demolição dos Blocos Portuários. Atrevo-me a dizer que esta proposta é um retrocesso na forma de pensar a cidade, encontrando mais paralelismos com as ideias do PEPRI, do que com os pensamentos e directrizes lançadas pela primeira equipa do PEC.

É plausível que haja algum desagrado com este projecto. Um projecto que começara pujante, com boas iniciativas, bem recebido pelos moradores e bastante participado. Um projecto para o bairro, que podia ser modelo para outros sectores da cidade e do mundo. Um projecto motivador e motivacional, que acabara perdido no seu desenho. Um projecto que acaba a desmotivar os moradores, pelo menos os mais progressistas. Um projecto antagónico às directrizes apontadas, que não traduz uma política de habitação nem de coesão social. Mas o bairro continuara a ser noticia, a ser objecto de estudo. O Cabanyal resistia e a discussão do futuro do bairro continuara. Mais tarde surge um novo agente, bastante crítico em relação à sua proposta de desenho urbano: o grupo Via Verde Cabanyal, com novas soluções para a zona nascente da rua Dr. Lluch. Apesar de o projecto se centrar a nascente da rua Dr. Lluch, é uma proposta mais inclusiva e com intenções de integração da zona antiga do El Cabanyal.

2.5 Via Verde Cabanyal

Como resposta e crítica à proposta urbana apresentada pelo PEC, surge o grupo Via Verde Cabanyal. Este novo e recente actor, contribuidor para o presente e futuro do bairro, é constituído por uma equipa, onde se incluem algumas associações de moradores do bairro como Cabanyal Horta, Grupo Villas de las Arenas, Cabanyal Reviu e Per l'Horta.

Reflectir e melhorar o PEC: esta é a premissa deste grupo. É reconhecida a diferença entre os dois momentos do PEC e afirmado o desencontro entre o trabalho desenvolvido pelas duas equipas envolvidas. Após reconhecida esta dualidade de critérios, o grupo apresenta três "medidas" para proteger o centro histórico do bairro: 1- garantir a protecção e valorização do património cultural que existe no bairro; 2- a necessidade de manter a vida e cultura do próprio bairro, que se vê ameaçado pela gentrificação; 3- Vincular a protecção do património à protecção do tecido social, apostando em mecanismos de gestão com base na proximidade. Estes pontos são alavancas para atingir alguns ideais que se defendem no próximo capítulo, como a heterogeneidade, seja e nível de património seja a nível social. A participação dos moradores neste processo é, também, algo que este grupo sugere convictamente.

Este grupo de trabalho, após reflectir sobre a proposta urbana do PEC, apresenta duas novas soluções urbanas, em que defende a diminuição da edificabilidade e com esta protege o edificado catalogado. Propõe também a abertura de novas ruas, em continuidade com o tecido urbano a poente da rua Dr. Lluch, e procuram que o novo edificado seja morfologicamente diverso e se adapte à via verde – um conjunto de caminhos e percursos que pretende garantir a máxima permeabilidade entre o bairro e a sua periferia. Estas propostas são interessantes do ponto de vista ideológico, ao invés da proposta do grupo em transferir os Blocos Portuários para outra zona do bairro, ainda que próxima da existente. Esta proposta é muito curta na sua justificação: transferem este edifício e com ele as famílias que lá vivem, para uma localização por não haver conflitos de interesses nesta, porque o Estado é o proprietário desse terreno. Esperava-se uma teoria mais forte

30. Solução 1 proposta pelo Via Verde Cabanyal.

31. Solução 2 proposta pelo Via Verde Cabanyal.

que justificasse manter o agrupamento de famílias em risco de exclusão social, pois este é o momento para poder tratar e encontrar uma solução para as famílias que vivem nesse edifício. Mais do que haver a preocupação pela reconstrução do edifício, é urgente tratar da reconstrução do tecido social do bairro e no Capítulo III dedica-se uma parte deste à discussão da manutenção ou não dos Blocos Portuários e à concentração de grupos sociais como negação da cidade.

A proposta urbana do Via Verde Cabanyal centra-se a nascente da rua Dr. Lluch e parece ser mais integrada no bairro do que as anteriores, ainda que sinta que existem pontos de transição muito bruscos, particularmente na transição do centro histórico do bairro para o novo passeio verde, pela rua Dr. Lluch. É explícita a vontade de adaptar os edifícios ao passeio verde, mas sente-se a necessidade de repensar e adaptar também o passeio verde ao alçado existente da Dr. Lluch. Esta viragem de desenho urbano é o ponto mais sensível da proposta, ainda que seja bastante apelativa a diversidade de edificado proposto no bairro sem pôr em causa a permeabilidade neste. Saúda-se a coragem de fazer uma proposta urbana que inclui o lote contíguo às antigas piscinas, que traria enormes vantagens ao Cabanyal, pela adição de solo disponível para intervenção, garantindo ainda maior permeabilidade e acrescentando programa à proposta.

III | Governo Sombra.

3.1 Área de Intervenção
3.2 Gestão da Intervenção
3.3 Demograficamente falando
3.4 Morfologia Urbana
3.5 Permeabilidade.
3.6 Áreas Verdes.
3.7 No domínio da Habitação.
3.8 Na procura de Novas Dinâmicas.
3.9 Sucesso e Prevenção.

"El espacio público es el de la representación, en el que la sociedad se hace visible."

Jordi Borja
El espacio público: Ciudad y Ciudadania, 2003, p. 7

Durante o Capítulo III criar-se-á uma mesa de trabalho com vários tópicos de interesse para o desenvolvimento de estratégias de intervenção no património. Será reunido um conjunto de ideias e ideais de intervir na cidade, em paralelo com uma análise crítica e reflexiva sobre as atitudes dos mais recentes actores que intervieram neste processo pelo qual o bairro El Cabanyal passou e passa.

De forma a fazer uma ponte entre as atitudes de programas sumariamente descritos no capítulo anterior e a estratégia de intervenção a refletir, parece importante fazer uma análise, crítica e comparação entre essas mesmas atitudes. Esta reflexão procurará ser um preâmbulo em discussões futuras sobre formas de intervir no património e contribuir, através de uma visão académica, na discussão do futuro do bairro, procurando ser um prefácio para propostas de carácter híbrido com pensamentos contemporâneos sobre urbanismo.

3.1 Área de Intervenção

Em Abril de 2001, aprova-se o PEPRI, que se desenvolvia sob a herança do PGOU de 1988, estando a área de intervenção do PEPRI praticamente nos limites definidos pelo âmbito M4, ainda que modificando também o planeamento urbano de âmbito M3, a nascente da Calle Dr. Lluch, entre a Calle del Mediterrani e a Calle del Historiador Coloma, até à praia. Se há um lado positivo a tirar deste plano, é que finalmente se rompe a fronteira entre as áreas do âmbito M3 e M4 do PGOU, podendo criar continuidade urbana entre estas. No entanto, a área a intervir pelo PEPRI é, por si só, um indicador de destruição urbana e social do bairro, pois a sua actuação bastante central rompe um bairro e divide-o em dois com preocupação unicamente sobre essa área central, respectiva ao prolongamento da Avenida, e deixando o resto do bairro como "traseiras".

Seguindo critérios históricos, morfológicos, identitários, de homogeneidade e de oportunidade, o EDUSI vê os seus limites de intervenção serem definidos como se de fronteiras se tratassem, talvez levando o critério de identidade de uma comunidade diferenciada do resto da cidade demasiado "à letra". A norte é limitado pela Av. De los Naranjos separando o El Cabanyal da Malvarrosa, a Poente pela Av. Serrería, a Sul pela Calle Francisc Cubells separando-o do Bairro del Grau, e a nascente é limitado, naturalmente, pela praia. Este perímetro que limita a área de intervenção é inibidor e contraditório à ideia do EDUSI em articular os Povoados Marítimos, criando continuidade entre os bairros do Grau, do Cabanyal-

32. Área de intervenção do EDUSI

Canyamelar e da Malvarrosa.

Dos planos apresentados, o PEC é o que inclui a maior área urbana sujeita a intervenção. Enquanto a EDUSI não teve escolha nos limites da intervenção, o PEC consegue ampliar a área de intervenção consoante a proposta defendida por Tato Herrero, um membro colaborador do PEC, criando um desenho de perímetro de intervenção pouco linear, inserindo espaços públicos e lotes vazios dos bairros vizinhos na área a intervir, quebrando assim barreiras e dando um passo importante para a integração do Bairro El Cabanyal. Este plano peca por não incluir a zona das Piscinas Olímpicas na sua intervenção: ainda que esteja em discussão a sua inclusão, a dimensão desta zona seria importante estar incluída na área a intervir, de forma a conseguir uma estratégia coerente com os ideais deste plano.

O Via Verde Cabanyal é assumidamente focado na zona a nascente da Calle Dr. Lluch, assumindo concordância geral com o PEC na sua restante área de intervenção. De certa forma e dada a disponibilidade do solo desta área de intervenção correspondente ao antigo Trazado Trenet, a intervenção nesta zona pode funcionar como um "botão" para a regeneração e dinamização de todo o bairro. Numa das propostas deste organismo, sugerem-se a intervenção na zona das Piscinas Olímpicas, acreditando que essa área, de grandes dimensões, é uma barreira e uma forte condicionante na regeneração urbana do El Cabanyal.

3.2 Gestão da Intervenção

A projeção do PEPRI não previa uma gestão especializada. Foi proposto um plano e caberia às empreitadas privadas a própria gestão individual, sem preocupações com as consequências que as empreitadas iriam trazer. Esta seria uma estratégia bastante prejudicial para os habitantes do bairro e para o próprio quotidiano do bairro durante as empreitadas.

A Câmara Municipal de Valência tornou-se o grande organismo para gerir o EDUSI e procurou criar gabinetes de gestão por áreas de actuação, de

forma a integrar todos os agentes neste processo de reabilitação do bairro, com especial atenção para a sua população. Este projecto funcionou enquanto levantamento de dados e análise, fracassando na concretização dos projectos planeados e já financiados, devido à coordenação entre oficinas de actuação e entidades superior, que parece não ter sido a mais assertiva.

Aproveitando os frutos do projecto EDUSI e aprendendo com os seus fracassos, o PEC apresentou-se com maior cuidado em relação à gestão da intervenção a propor. A equipa inicial do PEC teve como objectivo "definir instrumentos eficazes de gestão de proximidade que minimizem os custos sociais e que giram recursos que complementem a inversão pública necessária para a obtenção do solo dotado previsto para a revitalização do bairro"[9].

Desta forma o PEC surgiu como um plano que pretende definir e implementar as ferramentas de gestão adequadas para a revitalização do bairro.

Com os novos instrumentos de gestão urbanística e económica, pretende-se: ampliar e gerir o parque público habitacional com um carácter estável e destinado ao aluguer; financiar a execução da Zona de Intervenção Prioritária; e, como um bom hábito do urbanismo em Espanha, criar unidades de execução. Surgiu ainda como imprescindível, a intenção de criar um gabinete de gestão integral que contribuísse para melhorar o tecido físico do bairro e também o seu tecido social: salienta-se que estas propostas foram criadas pela equipa inicial do PEC.

O Via Verde Cabanyal é bastante crítico do PEC, exigindo mais deste na criação de um gabinete de gestão. Exige-se que se especifiquem as oficinas de que o projecto precisa, para resolver os problemas de obsolescência urbana e social. Pede-se que este gabinete seja transparente e consiga juntar todos os actores intervenientes no plano: dos moradores aos empreiteiros. Desta

9. PEC, Avance de Criterios Estrategicos, pg. 48. Novembro, 2017

forma, sugere-se que a oficina a criar funcionasse através da proximidade.

François Ascher aponta para uma revolução urbana que pode ser aplicada em casos como o objecto em estudo. Este novo urbanismo resultante da evolução das necessidades, dos modos de pensar e de agir, das relações sociais e da tecnologia, da natureza e da escala: dos desafios colectivos. Desafios colectivos que são tratados pela sugestão de uma democracia participativa, no sentido em que o cidadão teria poder directo em certas tomadas de decisão.

A regeneração do bairro pode ser uma oportunidade para pôr em prática a visão de Ascher sobre democracia, adaptando o poder do eleito e do eleitorado, numa "emancipação dos indivíduos perante as obrigações impostas pelas regras superiores e as definições normativas dos comportamentos"[10], respeitando os valores colectivos na reflexão da sua necessidade para a sociedade. Sugere-se uma abertura do poder político à sociedade para encontrar soluções e consensualidade nas decisões a tomar.

De forma mais concreta, surgem alguns dos princípios eleitos por François Ascher na sugestão de uma nova democracia:

- Agir numa sociedade fortemente diferenciada. "O neo-urbanismo privilegia a negociação e os compromissos em relação à aplicação da regra maioritária, o contrato em relação à lei, a solução *ad hoc* em relação à norma."[11] Este ponto requer um trabalho de equipa e de reflexão conjunta entre vários actores. Devem participar neste processo os habitantes, os utilizadores, os vizinhos e todo o tipo de actores que de forma directa ou indirecta serão influenciados pela solução.

- Adaptar a democracia à terceira revolução urbana. Isto é: encontrar novas formas de concepção e de realização das decisões públicas, permitindo consultar e associar habitantes, usuários, vizinhos, actores, os peritos mais variados a montante e a jusante das tomadas de decisão. "O governo das

10. François Ascher. Novos Principios do Urbanismo. 2012, pg. 75
11. François Ascher. Novos Principios do Urbanismo. 2012, pg. 89

cidades dá assim lugar à governância urbana (…) A governância urbana implica um enriquecimento da democracia representativa com novos procedimentos deliberativos e consultivos. Necessita ao mesmo tempo de uma relação mais directa com os cidadãos e de novas formas democráticas de representação à escala das metápoles (…)"[12].

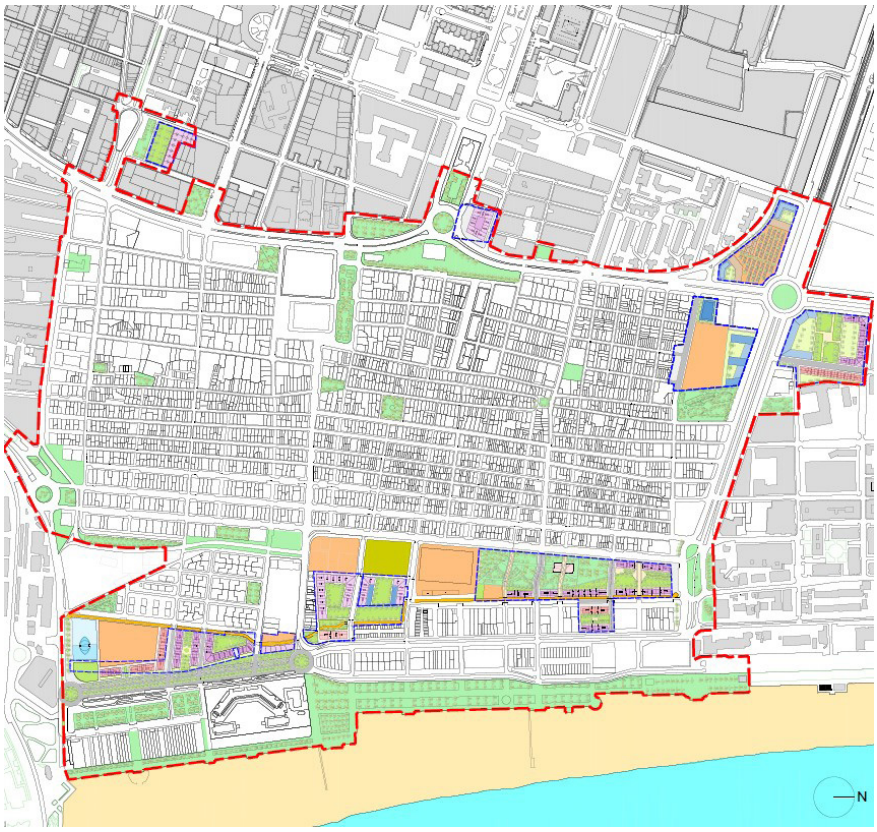
3.3 Demograficamente falando

A preocupação demográfica do PEPRI é sempre contraditória dado que, por sua causa e por intenções urbanas semelhantes, milhares de habitantes abandonaram o bairro. Mesmo a sua intenção de trazer habitantes para o bairro, é pensada apenas para escalões sociais elevados, além de que pelo desenho urbano que é proposto, inconscientemente o bairro é dividido em duas zonas, dividindo-se também a distribuição demográfica em dois. Desta forma o PEPRI manipula à sua maneira esta questão demográfica.

A análise da EDUSI leva-nos a conclusões sobre o que fazer na regeneração do bairro. O bairro muito populoso, mas pouco denso, deve continuar pouco denso: factor relativo às construções de R/C e 1 ou 2 pisos, típicas do bairro. A grande percentagem de habitantes imigrantes, leva-nos a uma preocupação de inclusão social, usando o espaço público como estratégia de convívio entre a população. Além destes objectivos, espera-se que a população do bairro aumente, principalmente na faixa etária entre os 20-40 anos, dinamizando o bairro e criando oportunidades de trabalho, de forma a atrair população jovem e baixar a percentagem de desemprego no bairro.

O PEC aproveita a análise demográfica da EDUSI e, através da morfologia urbana, pretende atrair para o Cabanyal um número exato de população e se possível recuperar moradores. Na regeneração do bairro, a maior preocupação é a construção de edifícios de uso residencial, de forma a aumentar a população do bairro. É ainda de salientar o pensamento de

12. François Ascher. Novos Principios do Urbanismo. 2012, pg. 94



33. Distribuição programática do novo edificado proposto pelo PEC.

tornar o bairro heterogéneo, não esquecendo nem expulsando nenhum residente, independentemente da sua origem e/ou classe social. Contudo, e sabendo da distância ideológica entre a equipa inicial e a equipa que propõe o projecto do PEC, é proposta a demolição dos Blocos Portuários, sem propor alternativas de habitação para os moradores que lá vivem e que por sinal fazem parte da população em risco de exclusão social, ou no caso destes será mesmo população em exclusão social.

O projecto proposto pelo Via Verde Cabanyal, concentrado no antigo Trazado Trenet, propõe uma redução do edificado a construir nesta zona, em relação à proposta do PEC. Desta forma, e com uma preocupação maior sobre o aumento e a qualidade dos espaços públicos e zonas verdes, este plano não terá uma preocupação demográfica muito forte. Apenas poderá condicionar a questão demográfica pela quantidade de construção que propõe no seu projecto.

Uma actuação no campo da demografia deve ser cautelosa e, por sinal, pensada paralelamente a alterações da morfologia do cenário a intervir. No El Cabanyal, existem zonas suscetíveis a uma forte intervenção, entrando no campo da morfologia, e com estas haverá uma consequência directa na demografia do bairro. É consensual que o edificado do El Cabanyal, já patrimonializado, não tenha alterações no tecido físico, havendo opiniões diversas sobre a manutenção do seu tecido social. Desta forma, os lotes vazios do bairro surgem como uma oportunidade para dar resposta a esta preocupação demográfica. Aponta-se à sustentabilidade de um aumento populacional, que passa muito pela diversidade programática do novo edificado e pela sua localização. Por isso deve ser pensada a criação e estimulação de espaços de comércio de pequena escala, aliado à criação de espaços para exploração de outras actividades laborais. Estes devem estar estrategicamente localizados, em zonas com relação directa com as ruas mais movimentadas e transportes públicos, facilitando o acesso a estes e tornando-os aliciantes para o investimento privado. Assim, pretende-se que o aumento populacional tenha uma relação directa com a diminuição do desemprego na zona e criação de postos de trabalho com diferentes linhas de remuneração. Além destas consequências derivadas da diversidade

programática que se pretende, estes novos espaços em conjunto com o existente serão argumentos neste palco cénico onde se desenvolverão as ideias mais variadas. Desta forma, importa repensar a localização da residência de estudantes proposta pelo PEC, de forma a integrar este potencial gerador de dinâmicas no bairro, através da sua diversidade de pessoas, culturas e pensamentos. A criação ou adaptação de edificado abandonado a novos programas de excepção, contribuirá também para esta linha de pensamento de dinamismo que acompanha e estimula a preocupação demográfica.

3.4 Morfologia Urbana

A nível morfológico, o PEPRI, transforma radicalmente o Bairro. Divide-o em duas zonas: norte e sul. Esta transformação que permite a conexão da Avenida Blasco Ibañez até à praia é ainda caracterizada por uma nova tipologia de edificado com tendência a procurar a verticalidade, permitindo facilmente fazer uma analogia entre a nova avenida e uma muralha: inconscientemente a Avenida funcionaria como limite e barreira de fluxos e o seu jogo de cheios e vazios (edificado e ruas em perfil) seria visualmente semelhante ao jogo de ameias e merlões de uma muralha militar. Neste plano é criado um *boulevard* verde transversal à Avenida, modificando também significativamente o traçado das ruas San Pedro e Los Angeles. Os Blocos Portuários seguem o rumo de demolição do tecido urbano do bairro, que posteriormente traçaria a nova Avenida.

As linhas de actuação do EDUSI apontam para que a recuperação da morfologia tradicional do Bairro, perdida com as ameaças e pressões de planos para o prolongamento da Avenida Blasco Ibañez. Opta por não demolir nenhum edifício, a não ser por questões de recuperação.

Seguindo algumas linhas de actuação definidas pelo EDUSI, o PEC inicialmente pensa na recuperação do edificado destruído e na construção nos lotes abandonados com a pressão política e urbana vivida pelos moradores do bairro, na passagem para o século XXI. Na apresentação

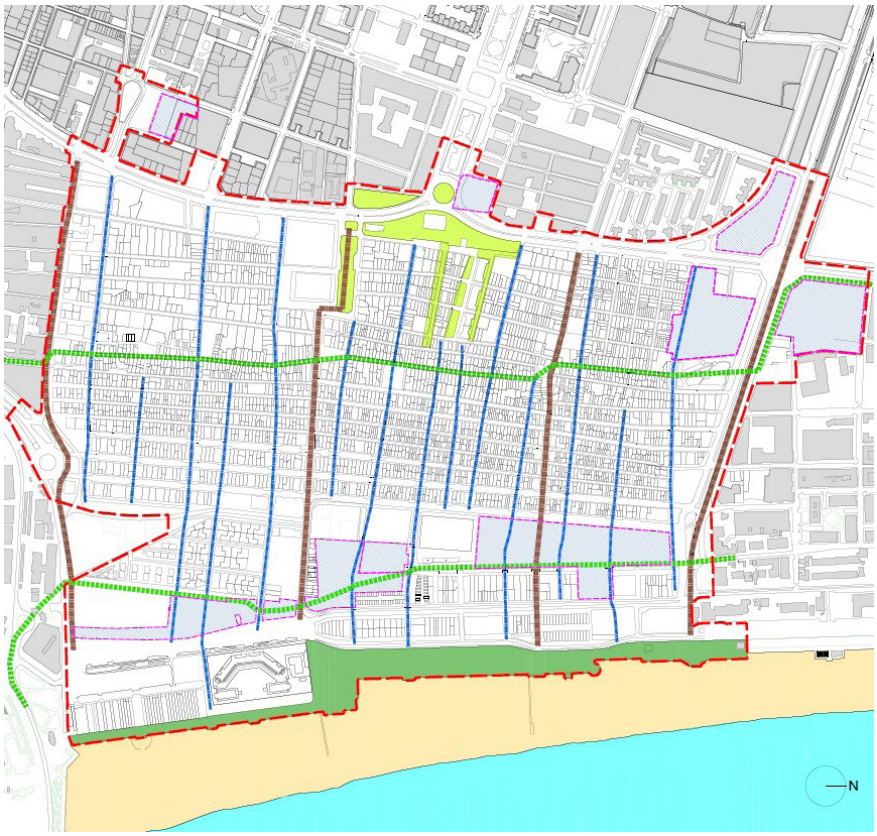
final da proposta do PEC, em 2019 este apresenta três aspectos fundamentais na questão da morfologia urbana. Primeiro cria uma quebra na Avenida Serrería – um ponto interessante na resolução de problemas relativos com conexões e permeabilidade. Depois, a questão da sua área de intervenção ir além dos limites traçados pelo EDUSI, torna o plano mais coerente, criando edificado e programa nesses pontos periféricos do bairro, relacionando a morfologia do próprio bairro com a dos vizinhos, integrando-os. Por fim, o Trazado Trenet, que é o ponto mais sensível da proposta, vê projectados edifícios maioritariamente residenciais, com espaços verdes entre eles e demolidos os Blocos Portuários. Através dos desenhos apresentados pelo PEC, nota-se também alguma incerteza sobre alguns lotes urbanos de grande dimensão.

O Via Verde Cabanyal surge como crítica intensiva à última versão do PEC apresentada e aprovada, considerando que existe demasiada edificação prevista. A sua proposta reduz a edificação na zona do antigo Trazado Trenet, e altera a morfologia do edificado, tornando o desenho urbano mais dinâmico, à semelhança das construções nas parcelas típicas do Cabanyal, e permitindo uma relação de permeabilidade, entre zonas, mais apelativa ao percurso e uso pedonal.

3.5 Permeabilidade

É difícil perceber as intenções do PEPRI nesta valência, assim como em outras, devido à sua proposta dividir, inevitavelmente, o bairro em duas zonas. No entanto, devido à morfologia proposta, a questão da permeabilidade resolve-se em grande parte pela avenida nova. Ainda pelo facto deste plano intervir numa área muito circunscrita, os problemas de conexão entre, de e para o bairro nos seus limites a poente não vêm uma proposta que os solucione, incorporando apenas no plano a zona da Serrería envolvente à estação ferroviária.

Este plano cria ainda um novo problema de permeabilidade: o prolongamento da Avenida Blasco Ibañez tornar-se-á uma barreira que



34. Principais travessias como elementos de comunicação, do PEC.

condicionará a permeabilidade nas travessias Norte-Sul, dadas as suas dimensões e previsão de alto movimento automóvel.

A EDUSI estabelece parâmetros favoráveis à questão da permeabilidade. A sua intenção de regeneração física do bairro, juntamente com a preocupação de reconectar o bairro com a praia e com a cidade, mediante a eliminação de barreiras, internas e externas, e com a recuperação das travessias tradicionais, são um bom ponto de partida para resolver a sensação de isolamento do bairro El Cabanyal-Canyamelar e permitir um maior fluxo de pessoas, bens e ideias. No entanto, os limites estabelecidos pela EDUSI na área a intervir são um retrocesso neste pensamento, pois não integram o Cabanyal com os bairros vizinhos, nem que seja pontualmente em "eixos-chave" que permitam uma melhor permeabilidade do, e para o, Bairro.

O alargamento da área de intervenção, em relação ao EDUSI, é uma vantagem do PEC para a resolução deste problema, pois a integração de certas áreas inseridas nos bairros vizinhos apresenta, por si só, uma ideia de continuidade e uma relação de conexão entre bairros. O novo desenho para a zona da estação ferroviária da Serrería permite e obriga a um abrandamento do trânsito automóvel na Avenida Serrería, criando algum conforto e facilitando a continuidade das travessias, Nascente-Poente, entre bairros. O ponto mais frágil acaba por ser o desenho da intervenção na zona referente ao antigo Trazado Trenet que não prevê uma multiplicidade de percursos e fluxos nos vários sentidos e que teria a Calle Dr. Lluch como uma fronteira entre edificado e áreas verdes. Inconscientemente, um peão pode quebrar a sua intenção de percurso quando a sua paisagem envolvente muda radicalmente. Neste caso, a Calle Dr Lluch representa uma fronteira entre uma área com edificado e programa no piso térreo com relação directa com a rua (habitação, comércio, serviços, etc.) e um vazio urbano, ainda que com a presença de elementos verdes, o que pode se tornar um conflito de intenções de regeneração urbana e um contrassenso no processo de estimular a permeabilidade no bairro.

O tratamento que o Via Verde Cabanyal propõe para a zona do antigo Trazado Trenet é mais versátil na multiplicação de possibilidades de

35. Relação entre as travessias Nascente-Poente e o Passeio Verde, proposto pelo ViaVerdeCabanyal.

36. Travessías principais na conexão do bairro com a envolvente.

percurso e integra melhor o edificado com as zonas verdes. No entanto ainda se considera que os alçados da rua Dr. Lluch revelam uma radical oposição entre si, quer em termos de desenho, quer em termos de programa. Neste sentido, crê-se que esta rua deve ser repensada e trabalhada, pois falamos de um eixo importante nas conexões Norte-Sul, entre bairros marítimos, e também nas conexões Poente-Nascente na procura de uma continuidade de percursos.

O bairro El Cabanyal-Canyamelar apresenta um tecido urbano com travessias em dois sentidos ortogonais entre si: Nascente-Poente e Norte-Sul. Estes sempre foram fundamentais como vias de comunicação. Desta forma propõe-se dar continuidade às travessias com um novo desenho urbano a nascente do bairro e com uma reabilitação da Avenida Serrería, de forma a que estas travessias não sejam interrompidas por esta avenida. Estes dois pontos são fundamentais numa proposta de devolver o bairro à sua envolvente mais próxima: a praia e a cidade. No entanto não se podem esquecer as travessias Norte-Sul, que caracterizarão um importante elemento de ligação entre o bairro e a sua periferia com frente marítima. Neste caso sugere-se dar prioridade a algumas travessias que devem ser caracterizadas como ruas de maior movimento, que atravessam as praças do bairro e apresentam uma morfologia mais favorável à circulação de pessoas, bens e ideias entre os bairros marítimos.

De forma a escalar as ruas de maior e menor movimento, elege-se o piso térreo como elemento de distinção. Nas ruas de menor movimento, em especial no eixo Norte-Sul, o desenho do piso térreo será fundamental para manter uma relação directa das habitações com a rua. Sugere-se que nestas ruas, se crie um clima de intimidade entre o edificado e o espaço público, dando prioridade ao peão em relação ao automóvel e evitando garagens e estabelecimentos comerciais de forma a libertar o piso térreo para o uso da habitação. Este pensamento procura devolver a cultura de rua que caracterizava o bairro antes dos "maus tratos" a que foi sujeito na passagem do século XX para o séc. XXI.

37. Esquema demonstrativo das ruas do bairro com maior afluência.

Nas ruas do eixo Nascente-Poente é natural que haja uma maior e mais diversificada afluência do que as do eixo ortogonal a este, pois há uma procura maior por este eixo que liga a cidade, o bairro e a praia. No entanto, este eixo deverá priorizar certas travessias nos seus pontos de contacto, seja com as travessias ortogonais, seja na relação com a periferia norte do bairro e o contacto com a praia. Estes pontos de contacto, maioritariamente esquinas, serão, por consequência, zonas de forte interesse para exploração comercial, pela visibilidade que apresentam. Esta exposição destes espaços deve ser aproveitada para estimular comércios locais e de pequena escala, de forma a garantir uma distinção entre estas ruas com maior afluência, das que se procuram mais íntimas com relações directas com as habitações. Esta preocupação pela ocupação comercial dos pisos térreos nas ruas com previsão de maior afluência procurará desempenhar um papel importante na animação da vida urbana e na qualificação e segurança dos espaços públicos.

Pretende-se que os cruzamentos com as travessias Norte-Sul com previsão de maior afluência, sejam epicentros de movimento e encontros, e que estes estes sejam o expoente máximo de heterogeneidade e da surpresa. A surpresa de quem dobrar uma esquina: "A esquina devia ser o espaço urbano que vivemos com mais intensidade. Ao dobrar uma esquina, deveríamos enfrentar algo novo, encontrar uma ocasião para a mudança e para a surpresa. Tradicionalmente, as esquinas ajudavam a dar forma física aos cruzamentos entre caminhos, eram um ponto social onde se encontravam pessoas de distintas classes sociais, estrangeiros ou estranhos à cidade. Aqueles encontros desafiavam as imagens e as rotinas estabelecidas. (…)"[13].

Esta intenção de criar ruas mais relacionadas com o comércio e serviços num eixo ortogonal a um eixo preenchido por ruas com carácter mais residencial não é inovador e de certa forma já terá sido timidamente implementado pelos moradores do Bairro. Em Nova York, urbanistas com

13. Richard Sennet, IN *Ciudades, Esquinas/Cities, Corners*. 2004, pg. 142

38. Desenhos de Pierre Sorrin para Storyboard, sobre as esquinas.

preocupações sociais tentaram que as ruas com orientação Este-Oeste tivessem a menor actividade comercial possível, enquanto que as ruas Norte-Sul estavam "à pinha" de estabelecimentos e serviços. E mais uma vez a esquina surge com enorme importância neste pensamento, pois "a forma em que funciona a esquina numa cidade permite-nos compreender como ela está organizada, como funciona e que actividades se produzem nela. Sem as esquinas de uma cidade não se passa nada, pouco podemos esperar dela. Estas intercepções e conexões são essenciais e constituem sem dúvida um instrumento para conhecer a vitalidade e as características da vida urbana"[14]. No seguimento desta intenção pretende-se contrariar as esquinas neutras, situando actividades mercantis como lojas, cafés, espaços públicos como museus, nas esquinas ao invés de situar esses espaços nos blocos entre ruas.

3.6 Áreas Verdes

Na proposta do PEPRI existe um aumento de áreas verdes, assim como no seu programa preliminar. A grande zona onde esse aumento é visível é referente ao prolongamento da Avenida Blasco Ibañez, que será a continuidade de um passeio verde até à praia. Além desta zona, é também proposto um *boulevard* verde entre as ruas San Pedro e Los Angeles que, para a sua concretização, tem como consequência a destruição e abandono das habitações que lá existiam. Desta forma pode-se concluir que a proposta de áreas verdes para o Cabanyal não é algo integrante no bairro. Inclusivamente para a criação de áreas verdes, habitações serão destruídas e moradores serão deslocados e afastados do bairro. O desenho destas com "borracha e lápis verde" mexe na morfologia e na habitabilidade do Bairro e, além de fazerem parte de uma proposta que destrói a identidade deste, não pertence à escala do bairro.

14. Felipe Leal, IN Ciudades, Esquinas/Cities, Corners. 2004, pg. 196

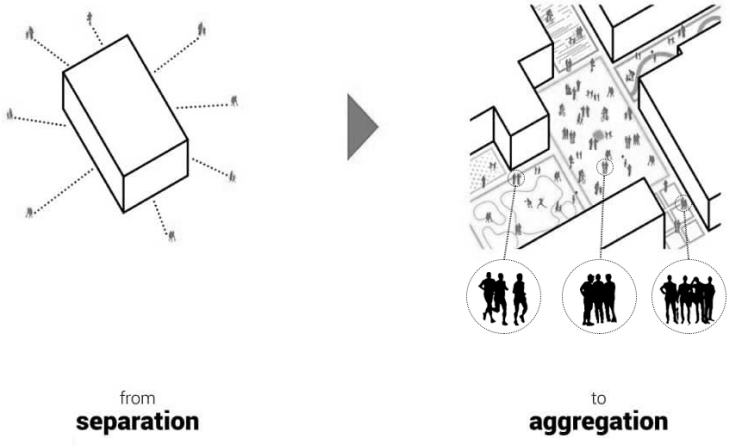
39. Distribuição de áreas verdes, do PEC.

O EDUSI pretende resultados positivos na criação de zonas verdes. Não de forma radical e fora de escala como o PEPRI, mas recorrendo ao solo disponível no Bairro: aumentar as zonas verdes no bairro é também oportunidade de aumentar a percentagem de solo permeável neste. Associada às zonas verdes, surge também a criação de equipamentos públicos, que são importantes para a manutenção e sustentabilidade das zonas verdes, no sentido da sua utilização. Apesar da preocupação na criação e manutenção de zonas verdes no bairro, não é feita referência sobre o que fazer a nascente da Calle Dr. Lluch, onde existe mais área para criar condições favoráveis sobre esta questão.

A proposta do PEC para a criação de novas zonas com áreas verdes é de uma leitura interessante: a poente da Calle Dr. Lluch procura minimizar o aumento de zonas verdes no bairro, aproveitando a zona envolvente do mercado e da estação ferroviária para criar cerca de 23 mil m2 de área verde, a somar aos 140 mil m^2 de área verde pré-existente dentro dos limites de actuação deste plano. Ainda a somar a estes números, é proposta na zona do antigo Trazado Trenet a criação de mais 30 mil m^2 de área verde. No entanto nesta zona, a nascente da Calle Dr. Lluch, esperava-se maior dinamismo e um desenho urbano das zonas verdes mais orgânico e menos dependente dos edifícios propostos a contruir. Estas críticas são também partilhadas pelos moradores e pelo novo actor desta discussão – o Via Verde Cabanyal.

Este é o ponto mais sensível, na crítica e discussão de uma proposta urbana, para o Via Verde Cabanyal. O próprio nome deste organismo assim o enuncia. A zona do antigo Trazado Trenet é o principal ponto em desacordo com a proposta do PEC, essencialmente na quantidade de m^2 de edificado a construir e na sua morfologia. Estando mais próximo da vontade dos habitantes, propõe um passeio verde mais orgânico e de inspiração no jardim do Túria, que apresenta uma grande polivalência dos espaços. Aliado à redução e alteração do edificado, "a via verde, que conectará o bairro de norte a sul seguindo o crescimento em retícula paralela ao mar, é uma aposta de um urbanismo responsável, que dialoga com a malha pré-existente tornando-a valiosa e com o futuro que queremos, desenhando

40. Proposta em 3D, do Passeio Verde, pelo ViaVerdeCabanyal



41. Esquema de representação do conceito de Agregação Vs Separação

uma cidade para o que a habita, mas também oferecendo lugares de interesse para o viajante, com espaços que inspirem o encontro vivo e a calma, procurando a essência da vida mediterrânica."[15]

Sempre foi intenção de vários agentes que o antigo Trazado Trenet desse lugar a um Passeio Verde. Propõe-se então um Passeio Verde, contínuo, desde a zona do Porto de Valência até á Avenida de los Naranjos. Este passeio deverá diferir das propostas anteriores, ao incorporar nele edificado com manchas de implantação e programas variados e diversos. O edificado a implantar vê nesta estratégia uma oportunidade para seguir o conceito de Agregação, em vez de Separação. Esta intenção, esquematizada na fig. 41, pretende que o espaço público seja o local de encontro e desta forma tornar este passeio verde como um espaço protagonista de uma multiplicidade de encontros. É factual que este conceito de agregação é uma atitude já protagonizada na zona antiga do bairro El Cabanyal-Canyamelar, pois a rua já assumira esse protagonismo, onde os vizinhos se encontravam e se reuniam (sinónimo de agrupar).

Procura-se que este desejado "Passeio Verde" seja também palco dos ideais desejados e referidos ao longo da dissertação e para que tal aconteça crê-se que a polivalência caracterize a sucessão de espaços públicos. Espaços estes que, ao longo do passeio, se relacionem entre si e multipliquem as possibilidades de percursos e habitabilidades. A polivalência deverá assumir um papel importante no desenho desta zona, pois pretende-se que uma multiplicidade de agentes a habite e a cruze. Para tal, o desenho desta zona deverá suscitar um entrelaçar de percursos, através das múltiplas travessias, como um espaço possível de transição entre as mesmas. Este desenho resultará também numa multiplicação de esquinas. E a cidade é rede de esquinas: espaço articulado para facilitar a interacção de pessoas e actividades.

15. Via Verde Cabanyal, Alegaciones. 2019, pg.16

3.7 No domínio da Habitação

Na memória justificativa do PEPRI, assinada e datada, não há referência à construção e gestão de habitações de renda controlada. No seu desenho urbano proposto, este plano tenciona demolir um dos edifícios que mais opiniões dividem: os blocos portuários, onde vivem várias famílias em risco de exclusão social. Na memória justificativa não há referência à resolução deste problema, nem aponta qualquer alternativa. Desta forma cria-se, com este projecto, um bairro elitista e com défice de heterogeneidade, excluindo qualquer tipo de pensamento sobre mixidade social.

O EDUSI reconhece vários factores de exclusão social e ao contrário do PEPRI, este programa não tenciona excluir ninguém do bairro. Este programa cria até uma linha de actuação com o objectivo de garantir inclusão social, igualdade de género e não discriminação. Na linha de actuação nº7, do EDUSI, existe na sua descrição a intenção de regenerar física e socialmente o bairro, prevendo medidas de acesso à habitação para toda a população, com especial atenção para os que estão em risco de exclusão social. Esta proposta é plena de boas intenções, mas parece incompleta no que respeita à solução: não é apresentada nenhuma fórmula de regeneração social. Atribuir um tecto a famílias em risco de exclusão social não é solução para garantir uma mixidade social, não é uma medida sinónima de inclusão social. As famílias que residiam e residem nos blocos portuários têm tecto e, claramente não estão integradas na sociedade. Por isso agrupar famílias em risco de exclusão social é, na visão da estratégia a propor, antagónico a ideais de heterogeneidade, inclusão, mixidade social e diversidade cultural.

Já foram referidas as vontades do PEC em aumentar a população do bairro. Para que tal vontade aconteça, este plano propõe a construção de 1500 novas habitações, entre as quais 2/3 de propriedade pública. Esta é uma boa solução para garantir habitações de renda controlada e um passo pioneiro, neste bairro, no que toca a estratégia de inclusão social. Com a proposta de demolição dos Blocos Portuários e a vontade de manter a população dentro do perímetro do bairro, surge uma janela interessante

42. Habitantes em risco de exclusão social, em relação directa com os Blocos Portuários

em termos de regeneração social, criando uma estratégia na atribuição de habitações às famílias em risco de exclusão social, pois, como já foi referido, o agrupamento dessa fatia de população como acontece nos blocos portuários e em grande parte dos bairros "sociais", é antagónico ao ideal de heterogeneidade que o El Cabanyal-Canyamelar procura.

Ainda que este tema não seja o mais explorado, existe a intenção de demolir os blocos portuários no projecto proposto pelo Via Verde Cabanyal e de o "mover" para outra área de execução do plano. Esta medida peca, num projecto com intenções urbanas apelativas ao uso da rua como ponto de contacto, pois não planeia resolver os problemas relacionados com a regeneração e inclusão social.

É importante perceber as alterações morfológicas do bairro, em especial atenção na zona do antigo Trazado Trenet, onde nas propostas anteriores existe a intenção de demolir um edifício de habitação. Os Blocos Portuários surgem aqui como o ponto mais sensível a tratar. Propor a sua demolição, sem estudar soluções para os seus habitantes, é discriminatório e desumano. Soluções existem: é preciso estudá-las e pô-las em cima da mesa para discussão entre todos os agentes envolvidos, aproveitando a democracia participativa que se deseja implementar. Defende-se que a manutenção do edifício e das respectivas famílias no mesmo são uma barreira física e social na regeneração do bairro, que vão contra os princípios de continuidade do caminhos, de estimular a heterogeneidade no bairro e de promoção da mixidade social. Justifica-se este argumento com a visível territorialização do espaço circundante a este edifício, factor esse que é sinónimo de exclusão social. A não demolição do edifício e consequente exploração do mesmo por um gabinete social de inserção, é uma solução: ficando ao critério do gabinete quais as famílias que iriam habitar nos Blocos Portuários e nos outros edifícios de exploração pública. No entanto, este edifício pode representar uma barreira social (além de física), pela sua imagem e memória. Existe pelos moradores do bairro uma imagem associada aos Blocos Portuários e isso poderia continuar a ser uma barreira. Uma questão é certa: as famílias não podem ficar sem tecto, nem devem ver atribuída uma habitação como se de uma gaveta se tratasse. E, mais importante do

que o resultado da sua demolição na morfologia do bairro, espera-se que a transformação deste espaço represente a quebra de barreiras sociais.

A dinâmica de agregação social - que não tenho a certeza que seja uma dinâmica natural de populações que têm as mesmas aspirações ou modos de vida ou se é uma dinâmica de certa forma orientada pela governação das cidades - é a negação da cidade. O desenvolvimento da cidade só acontece graças à sua diversidade.

"A mixidade social permanece neste contexto uma grande aposta urbana e societal por duas razões principais: em primeiro lugar, as populações modestas devem ter acesso às localizações urbanas das populações abastadas; em segundo lugar, é preciso proceder de tal forma que, tanto quanto possível, categorias sociais diferentes se encontrem, se conheçam e confrontem as suas expectativas, os seus valores e as suas representações do mundo"[16].

Esta ideia de mixidade social, por François Ascher, é interessante num contexto já edificado, de habitação privada. No entanto, defende-se que a nova construção de habitações seja protagonista desta mixidade social, possibilitando oferta a todas as classes sociais na mesma malha edificada: para isto é importante uma participação do governo nas empreitadas privadas. Sugere-se a criação de um estudo, que resultará numa fórmula a aplicar no âmbito da habitação de promoção pública. Uma fórmula que destine uma percentagem da permilagem de cada edifício de habitação coletiva ao Estado - enquanto entidade pública que gere o aluguer de habitações de renda acessível. Esta fórmula pode ser uma mais valia de negociação para aumentar as habitações destinadas a renda acessível e reduzir o investimento, pois este estaria a cargo das empreitadas privadas. Como a maioria dos lotes vazios no El Cabanyal-Canyamelar pertencem, de certa forma, ao Estado, é possível criar uma linha de negociação com os investidores privados interessados em construir no bairro. Desta forma a mixidade social seria garantida no momento de abrir a porta. Rua: o

16. François Ascher. Novos Compromissos Urbanos. 2012, pg. 159

momento de encontro e de partilha, evitando assim deslocações para que diferentes classes sociais protagonizem esse ambiente ideal de partilha.

3.8 Na procura de novas dinâmicas

O novo desenho urbano proposto pelo PEPRI é suficientemente esclarecedor quanto ao dinamismo que este plano procura para o El Cabanyal. Aliado à sua proposta, a memória justificativa do plano dá-nos completa certeza sobre a criação de novas dinâmicas no El Cabanyal. Ao longo da sua memória justificativa, a importância dada ao prolongamento da Avenida Blasco Ibañez e sua conexão com a frente marítima é esclarecedora para perceber o centralismo que as novas dinâmicas procurarão. Procurar-se-ão criar novas dinâmicas no prolongamento da Avenida, nos seus novos e altos edifícios, voltando o resto do bairro para as traseiras destes, sujeitando-o à "guetização" e a um bairro de duas caras, opostas.

O programa EDUSI, antes de tentar criar novas dinâmicas, procura recuperar as dinâmicas anteriores aos anos de destruição do bairro. A sua ideia de devolver o bairro aos moradores é prioritária, no contexto do programa. No entanto, não deixa de apontar a novas dinâmicas e para tal, a linha de actuação nº8 contribui através da ideia de revitalização do bairro mediante infraestruturas e programas culturais. O seu carácter intercultural contribuirá para a integração das diversas populações do bairro e ao conhecimento cruzado das suas culturas. A diversidade é um dos grandes elementos característicos do bairro que se pretende conservar. Contudo, este programa define-se como pouco arrojado e contido no que toca à criação de novas dinâmicas.

O Plan Especial del Cabanyal peca, também, pela falta de arrojo na gestão de novas dinâmicas no bairro e isso é refletido na sua proposta de desenho urbano e da distribuição de programas entre o edificado proposto a construir. Este plano partilha dos ideais do EDUSI, em recuperar o dinamismo tradicional do El Cabanyal, e explora-os um pouco mais. No entanto, projectar os serviços terciários e alguns equipamentos novos junto

aos limites da área a intervir e junto a zonas de entrada e saída do bairro, é antagónico à procura de novas dinâmicas associadas à heterogeneidade que o PEC começa por eleger como uma das principais características a explorar no bairro. Esta proposta antagónica aos seus ideais continua, quando se percebe que os serviços terciários novos a propor estão afastados das conexões que o PEC apresenta como sendo as principais. Parece-nos evidente que uma rua só se torna movimentada se houver razão para isso: comércio, serviços, escritórios, parques infantis, jardins, entre outros espaços que, de forma opcional (de forma atractiva) ou obrigatória (por questões relacionadas com o quotidiano), fazem as pessoas serem utilizadoras da rua, do espaço público. Assim sendo, pedia-se mais a este plano: um desenho urbano que refletisse mais a diversidade, multiculturalidade e heterogeneidade pretendida na sua memória.

O Via Verde Cabanyal atribui, à sua proposta, responsabilidade urbana apenas a nascente da Calle Dr. Lluch, que curiosamente é a zona com mais solo disponível para novas intervenções e desenhos urbanos. Neste sentido, a sua proposta é mais interessante na criação de novas dinâmicas, através do seu jardim que percorre o edificado e a nova malha urbana continuada e do programa que acompanha esse "passeio verde". A inspiração no Túria é positiva, pois os resultados deste projecto são também bastantes positivos, com diversas dinâmicas, espaços polifuncionais e diversidade cultural. No entanto o Túria é ladeado por zonas com diversos serviços e rematado pela Cidade das Artes e das Ciências. É neste sentido que esta proposta pode fracassar e não obter esses mesmos resultados positivos. Além das actividades opcionais, descritas por Jan Gehl como "actividades das quais se participa somente se houver o desejo de fazê-lo e se o tempo e o lugar as tornam possíveis (…) quando as condições exteriores são ideais"[17], crê-se que, no caso desta zona a intervir, seriam necessários mais elementos estimulantes para obter resultados positivos na utilização do espaço público, como as actividades necessárias que "abrangem actividades mais ou menos obrigatórias − ir à escola ou ao trabalho, fazer compras,

17. Jan Gehl. A Vida entre edifícios usando o espaço público. 2017, pg. 14

43. Esquema dinamizador do bairro, com epicentro na zona referente ao antigo Trazado Trenet

(…) todas as actividades em que os envolvidos são, em menor ou maior grau, obrigados a participar"[18] que, de certa forma, através das questões do quotidiano, as pessoas utilizem o espaço, e para isso seria necessário mais informação relativa ao programa do conjunto edificado, proposto a construir, no projecto do Via Verde Cabanyal. Admitir-se-ia ainda que a procura da diversidade cultural e heterogeneidade necessitaria também de uma multiplicidade de intervenientes e, para tal, da presença de museus e outros edifícios de interesse efémero para os visitantes do bairro.

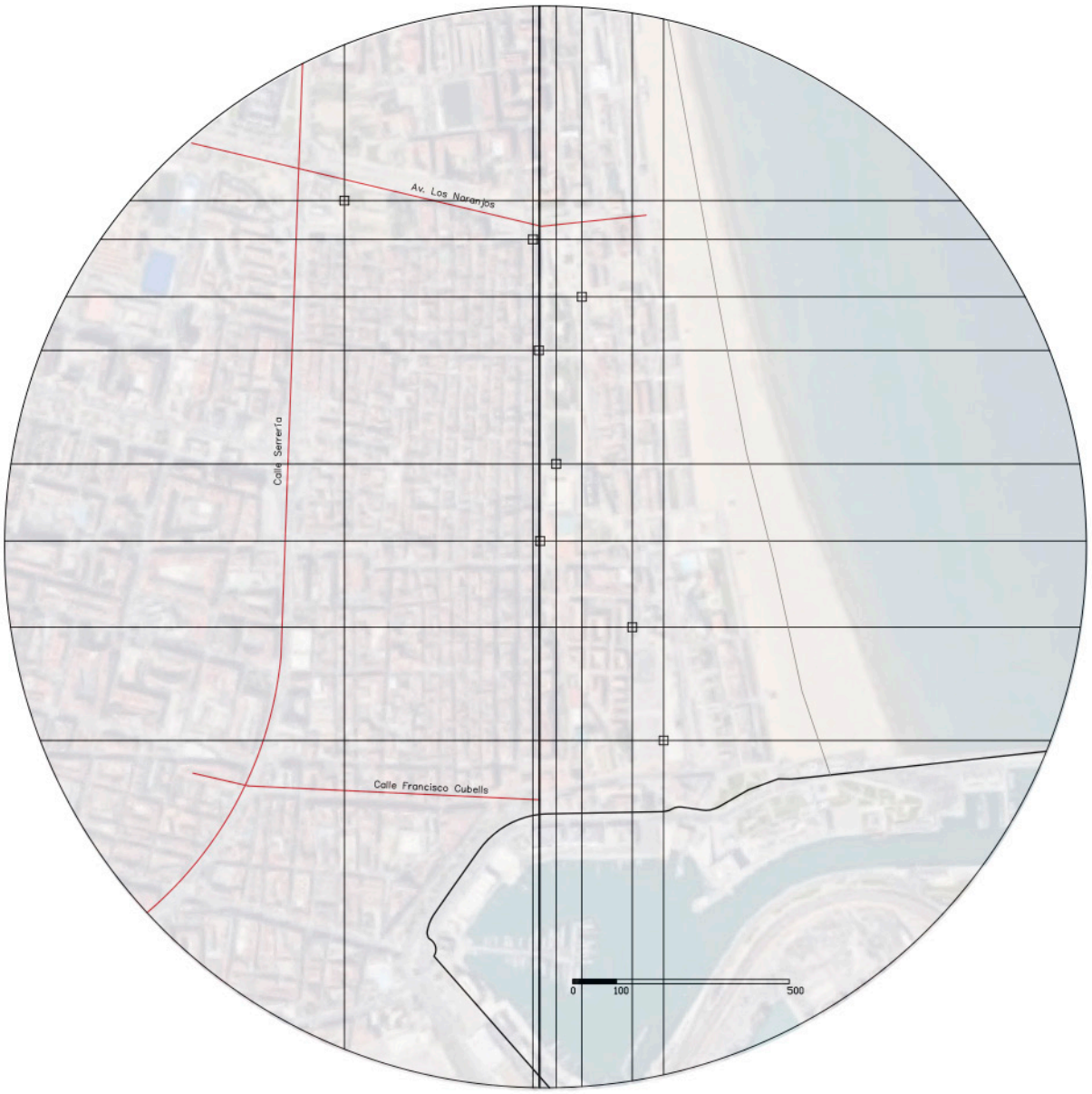
Com estas características estaríamos também próximo de atingir as actividades sociais, além das anteriores, estas que "dependem da presença de outras pessoas em espaços públicos, (…) evoluem de actividades ligadas às outras duas categorias. Elas desenvolvem-se em conexão com outras actividades, simplesmente porque as pessoas estão num mesmo espaço, se encontram, passam umas pelas outras ou estão à vista"[19].

Na procura de um urbanismo estimulante desta cultura de rua, de encontros, de exposição e surpresa, lembramo-nos de alguns princípios que François Ascher elege quando admite a necessidade de um novo urbanismo.

- Encontrar uma atitude mais reflexiva nesse novo urbanismo, adaptada a uma sociedade mais aberta, informada, democrática e a um futuro incerto. Esta atitude é uma resposta ao urbanismo moderno, em que existia um programa definido para a longevidade da cidade, onde se definia a organização espacial da cidade com prognósticos bem apontados para o futuro da mesma.

- Integrar novos modelos de desempenho. Estes novos modelos de produtividade e de gestão, privilegiando a variedade, a flexibilidade e a reactividade resultam num melhor desempenho e durabilidade. Estes resultados "são mais frequentemente baseados na colaboração e na coordenação de potenciais localizados variados do que na massificação. As

18. Jan Gehl. A Vida entre edifícios usando o espaço público. 2017, pg. 14
19. Jan Gehl. A Vida entre edifícios usando o espaço público. 2017, pg.16



44. Esquema de intenção na distribuição de programa não residencial

economias de variedade predominam sobre as economias de escala"[20]. Para atingir este bom desempenho, François Ascher sugere maior diversidade funcional das zonas urbanas, multicentralidade e polivalência de uma parte dos equipamentos e serviços públicos. As preocupações energéticas e a escassez de recursos naturais surgem aqui como um ponto importante que pode favorecer e incentivar as alterações de uso nas zonas já urbanizadas e sensibilizar para um maior controlo do consumo do espaço.

- Adaptar a cidade à diversidade das necessidades. Isto é: considerar o processo de individualização que está a marcar a evolução das sociedades, tornando necessário uma maior variedade e personalização de soluções urbanas. - Exemplo de individualização e independência da sociedade tão simples como as horas definidas por relógios de sol ou pelas badaladas de um sino, converterem-se no relógio individual, o caso da cabine telefónica que se converteu no uso do telefone móvel ou mesmo as praças de táxi que actualmente se podem substituir por aplicativos móveis. - A questão da individualização vai exigir uma de duas opções: 1 - maior número de espaços públicos diversificados, tentando acompanhar o ritmo da individualização; 2 – Tornar os espaços públicos de tal forma versáteis, que o mesmo espaço poderá ter utilidades diversas e ser palco das individualidades que se tornam protagonistas no cenário que é a cidade. Esta última tem o potencial interesse na cidade, tornando-se a hipótese mais sustentável e aberta quer a processos de individualização, quer de coletivização, sejam estes consequências da tecnologia ou das tradições populares. Essa polivalência do espaço público deverá ser um dos motes para o plano urbano do El Cabanyal-Canyamelar.

- Criar novas soluções urbanas, como conceber lugares em função das novas práticas sociais. As novas práticas sociais, consequências da individualização, adaptam os espaços tradicionais ao conveniente momentâneo. Como e porquê? Através das novas ferramentas tecnológicas portáteis que permitem desenvolver actividades de natureza diferente

20. François Ascher. Novos Principios do Urbanismo. 2012, pg. 83

45. Imagem actual de armazéns sem actividade.

46. Imagem Virtual de adaptação de armazens sem actividade a novos programas

num mesmo lugar. Desta forma, este novo urbanismo "deve esforçar-se por ordenar estas possibilidades, por conceber espaços sociais e funcionais múltiplos a n dimensões, hiperespaços combinando o real e o virtual, propícios tanto à intimidade como a sociabilidades variáveis"[21].

- Responder à variedade de gostos e de procura. Admitida a complexidade desta sociedade hipertexto e das ideologias que a cidade herdou, este novo urbanismo - admitida a sua necessidade por Ascher - propõe uma variedade de formas e de ambientes arquitectónicos e urbanos. "Patrimonializa cada vez mais o edificado existente, seja musealizando-o e integrando-o na nossa economia cultural e turística urbana, seja reutilizando-o e afectando-o a novos usos"[22]. Ainda tendo em conta a variedade das práticas urbanas, este urbanismo deve responder a esta variedade com soluções multifuncionais e oferecendo uma qualidade nos espaços públicos equivalente à dos espaços privados – neste ponto a escala surge como a grande ferramenta a ser controlada. A zona referente ao antigo Trazado Trenet, a nascente da Calle Dr. Lluch, deve ser alvo de um desenho urbano que reflita este pensamento, criando novos espaços públicos de interesse variado e criando novos programas nos edifícios que já não dão resposta ao uso que inicialmente lhe fora concedido. Dar uma nova vida aos armazéns que serviam a indústria ferroviária, atribuindo novos programas a estes, deve ser pensado como uma forma de tornar o edifício sustentável. Faz-se referência a estes edifícios, por serem de enorme importância pela escala que ocupam no bairro e que têm responsabilidade nas dinâmicas do El Cabanyal-Canyamelar, que outrora faziam mover profissionais da indústria e hoje, reabilitando-os, podem fazer mover outro grupo de profissionais ou até vários.

Em suma, a procura de novas dinâmicas no El Cabanyal deverá contribuir para um bairro heterogéneo, versátil, diverso e sobretudo que não tenha parado no tempo: um bairro que se mantém contemporâneo. Heterogeneidade é uma das características que deve caracterizar as cidades

21. François Ascher. Novos Principios do Urbanismo. 2012, pg. 159
22. François Ascher. Novos Principios do Urbanismo. 2012, pg. 92

contemporâneas e deve ser assumida como "novo compromisso urbano". A herança do urbanismo moderno deve ser lida de modo a refletir sobre a mesma e perceber de que forma o urbanismo hoje pode protagonizar ambientes variados para uma sociedade heterogénea com aspirações diversas e práticas múltiplas.

3.9 Sucesso e Prevenção

O prognóstico de recuperação do El Cabanyal, com a contribuição dos pontos anteriormente explorados, é na sua ideologia favorável. Sabe-se que é um processo bastante complicado, demasiado burocrático, longo e sensível, mas prevendo o melhor cenário possível para o El Cabanyal – dinâmico, receptivo, empregador, heterogéneo, multicultural, misto e confiante –, este pode ser alvo do capitalismo predatório. Desta forma, sente-se a necessidade de proteger não só o bairro, mas também o seu sucesso. E dele ser exemplo enquanto regeneração urbana e social: aliadas. Dois tipos de regeneração que não são trabalhados em paralelo, mas sim plenos de interceções entre eles.

A imagem manipulada do bairro El Cabanyal-Canyamelar onde, de forma simulada, se substituem os Blocos Portuários por novos elementos com o intuito de exploração económica, é antagónica aos ideais que se prevê na regeneração de um sector da cidade, neste caso do bairro El Cabanyal-Canyamelar. A figura pretende transmitir o sucesso da regeneração do bairro, com os seus novos e renascidos dinamismos. Não que o bairro seja dinâmico por ter esses novos elementos. Mas o seu sucesso será tentador para investimentos privados, que tentarão aproveitar essas novas dinâmicas. Estes interesses do mundo capitalista seriam uma consequência dos resultados positivos na regeneração urbana, social e económica do bairro. No entanto, não se quer que esses interesses sejam um reflexo do sucesso, e por isso manipulamos a imagem do bairro para reflexão e prevenção. A conceptualização desta imagem surge no âmbito dos resultados esperados nas várias valências de regeneração, mencionadas anteriormente.
Ainda que esta imagem surja com o intuito de mostrar resultados positivos

47. Imagem simulada de uma situação de desvirtuosismo do bairro, criado por potencial sucesso de regeneração urbana

através da estratégia proposta, há que ter atenção quando esta imagem surgir como investimento a propor por outrem, pois é muito provável que ideias descabidas como esta surjam para aproveitar os novos recursos económicos presentes no bairro. Não se quer um novo bairro ou um bairro rejuvenescido. Quer-se, com esta estratégia, que o El Cabanyal ressuscite (se é que alguma vez "morreu") e que seja contemporâneo. Quer-se que o Bairro seja deste tempo, do próximo e que o passado se mantenha. Pode parecer impossível, mas manter a cultura de rua, de proximidade entre moradores, manter-se como elemento de ligação entre a cidade de Valência e o mar, e ao mesmo tempo manter-se actualizado e oferecer qualidade de vida e oportunidades a novos habitantes, fará do El Cabanyal-Canyamelar um bairro do passado, do presente e do futuro.

Para não perder esta imagem e não se desviar deste rumo apontado pela estratégia de intervenção, deve ser tida em atenção qualquer excentricidade como a da fig. 47. Devem-se promover as culturas tradicionais do bairro, devem-se proteger os habitantes que promovem a cultura de rua e de proximidade. Da mesma forma que deve ser um bairro atractivo a novos habitantes, sejam eles temporários ou permanentes. A fig. 47 serve portanto para mostrar no que um bairro dinâmico e regenerado se pode tornar: num interesse económico que, a pouco e pouco, destruirá e "matará" de vez o Bairro, as suas gentes e a sua cultura.

O espaço público, que é de enorme importância para a regeneração do bairro, no ponto de vista a estratégia esperada, deve ser palco de feiras, manifestações, festas, conversas, encontros, discussões, trocas, inspiração, actividades físicas, de barulho, de silêncio, de movimento, de vazio, mas nunca deverá ser palco de interesses económicos e demonstração de poder.

Todas estas intenções referidas e programas propostos surgem numa preocupação de tornar a regeneração do bairro sustentável, pois crê-se que adoptando estas directrizes se alcancem resultados positivos na repovoação do Bairro, na redução dos níveis de desemprego, na integração social, entre outros factores que contribuirão para a melhoria da qualidade de vida no Bairro.

Considerações Finais

Os "novos" e "ambiciosos" projectos urbanos são, cada vez mais, um campo magnético ao qual se manifestam forças e distorções, e não um resultado equilibrado das mesmas. A força e persistência das "máquinas de projectos" anulam identidades, impondo no seu lugar uma nova imagem de cidade.

A esperança pela continuidade deste bairro pode residir portanto, nas sequências de acontecimentos que os projectos que se lhe associem possam predispor, dentro das conscientes perguntas e respostas que um projecto pode suscitar ao seguinte.

"Habitar" aos poucos estas pequenas ferramentas de questionamento e investigação, passa pela consciência destas projecções múltiplas; por nos mantermos sempre atentos, numa especial atenção aos espaços e a tudo o que acontece à nossa volta, prevendo e antevendo soluções híbridas para o futuro.

"É assim: estamos diante das coisas; não as vemos. Só mais tarde, absurdamente, sabemos que apenas fizemos isso: vê-las e possuí-las. E ser apanhado elas. (…) Que significa tudo isto?"[23]

Intersectamos o mundo de ideias/pensamentos com o nosso mundo corrente.
Filtramos estas mesmas ideias e princípios com o exercício de práticas teóricas, práticas históricas, na prática de arquitectura.
Estabelecemos relações entre mundos por vezes tão distantes ainda que a poucos metros de distância.
Tentamos simultaneamente articular a unidade, na diferença.
Lutamos por conservar a vasta ambiguidade de relações que se estabelecem numa cidade

23. Herberto Helder. Os Passos em Volta. 2014, pg. 69

Será ainda possível encontrarmos um "diagrama em aberto" que nos permita esta ampla multiplicidade de ocorrências?
Talvez este se revele um dos principais desafios para o bairro El Cabanyal-Canyamelar.

Reflectir a forma como o urbanismo intervém em comunidades enraizadas em certas zonas da cidade e aqui, como o bairro El Cabanyal-Canyamelar o é para a cidade de Valência, exige-nos um constante questionamento sobre os limites das ferramentas tradicionais do urbanismo e, consequentemente, sobre o modo como se estabelecem essas mesmas articulações urbanas e,sociais para a cidade. Refletir sobre o futuro deste bairro passa, ainda, por equilibrar a sensível equação entre tradição e contemporaneidade, entre as intenções para as macro-evoluções da malha urbana da cidade e a contraditória (natural e popular) vontade de micro-expansão do bairro.

Questionar o gradual desvanecimento e o porquê de um bairro outrora dinâmico e populoso sentir nas últimas décadas uma forte sensação de isolamento à cidade, passa também pela consciência de que as pressões urbanas que se lhe aplicam propiciam a que estes espaços se fechem progressivamente sobre si, entre barreiras e impedimentos à evolução. Espaços estes, espaços-entre e caminhos, tornam-se oclusos numa visão cada vez mais distante.

Os lugares colectivos/públicos do bairro transportam agora uma alegria difícil mas ainda numa persistente vivência, dinâmica, por parte dos moradores mais antigos; nesta enigmática malha de vida, alimentam-se mutuamente no exercício de habitar o bairro sobre a inerente ambiguidade do tempo.

Ainda que rodeado da evolução e consequente pressão, de sinais que a cidade envolvente lhe impõe (perante pressões políticas e urbanas), o Cabanyal pode revelar-se um sistema de sinais para a cidade de Valência, um verdadeiro "laboratório de aprendizagem" das suas múltiplas vivências simultâneas.

Entre estratos de um complexo sistema de camadas (históricas, políticas, urbanas, etc.) sobrepostas, as telas de fundo que o bairro forma à cidade são inevitavelmente paisagens que permanecem. Observar essa fragmentação e encontrar nela um propósito forte para que se estabeleçam relações com os novos fluxos urbanos pode revelar-se um importante ponto para reflexão. Observar hábitos, em cada uma das suas situações particulares que possam "projectar" novas formas, novos modos de "fazer mundos".

Apesar do bairro possuir um contexto único, os seus "espaços-entre" não foram capazes de evoluir de forma independente a tornarem-se ambientes de qualidade, de proximidade e de contacto, desde o interior (bairro) ao exterior (cidade). Constituir "dispositivos e lugares que favoreçam o processo de coesão", tornando-os um "estaleiro para o urbanismo", pode passar por ser uma desafiante oportunidade também à cidade, evidenciando a capacidade polarizadora e estruturante das travessias, de origem popular, que o bairro possui e potencia.

Ao longo da investigação fundamenta-se uma reflexão na procura de criar condições para uma intervenção sustentável em sectores das cidades contemporâneas, baseada em preocupações urbanas e sociais e na relação entre estas. A reflexão académica sobre possíveis formas de intervir no património, entre premissas de protecção e inclusão, pretende lutar contra a fragmentação das cidades e sua contribuição para exclusões sociais. A democracia participativa como ferramenta de gestão urbana dará voz aos cidadãos e procurará novas formas de representação destes nas tomadas de decisão. A transformação das barreiras criadas por elementos exógenos, para espaços urbanos que garantam continuidade e permeabilidade da cidade, contribuirão para a criação de novas oportunidades para todos os que a habitam, contando também com um desenho urbano e novas políticas de gestão urbana que não contribuam para a agregação de famílias em risco de exclusão social e respectiva formação de guetos. Garantidos novos modelos de gestão urbana e criadas as condições para gerar mixidade social, pressupõe-se que estão criadas premissas para o desenvolvimento de novas dinâmicas na cidade contemporânea que estimulem o encontro e o contacto entre todos os que a habitam, melhorando as condições

para atingir ideais de equidade, heterogeneidade, multiculturalidade, diversidade, dinamismo, entre outros sentimentos de pertença.

Conclui-se com este estudo que a fragmentação das cidades, seja por elementos de natureza exógena relacionadas com o crescimento e modernização das cidades, seja por políticas de organização urbana, tem um forte impacto na permeabilidade destas. Os projectos de intervenção nos bairros e quarteirões das cidades não se devem ficar nos seus limites administrativos para que estes não se tornem barreiras físicas inibidoras de fluxos. Mas a cidade que aqui pretendemos não se materializa apenas com edificado e espaços públicos. As pessoas que a habitam e a forma como habitam, fazem a cidade. Como tal, e em vez de nos preocuparmos com novas formas urbanas, acredita-se na importância de ouvir os actores que habitam a cidade, numa nova forma de governação das cidades.

O objectivo deste estudo centrou-se na análise e crítica comparativa de intenções políticas e urbanas que contribuem para a fragmentação e/ou integração de um sector urbano na cidade de Valência. Acredita-se que a reflexão sobre como intervir nos campos dos limites físicos, da gestão, da morfologia do bairro, da demografia, da permeabilidade, da qualidade dos espaços verdes, da habitação de renda acessível, da procura de novos dinamismos e da protecção dos valores patrimoniais deste sector da cidade, possa contribuir com uma visão académica para pensar um novo modelo de cidade e sociedade capaz de atingir os ideais explorados ao longo do estudo com o objectivo comum de serem premissas para a integração dos vários sectores das cidades.

Este caso de estudo revela-se útil na exploração de estratégias de intervenção urbanas com forte relação entre o tecido físico e o tecido social, defendendo que estas devem ir além das componentes físicas, espaciais e de protecção do património edificado. Deve ser explorada, em paralelo com estas últimas, uma intervenção nas questões sociais e comunitárias, evitando também uma fragmentação social nas cidades derivada da morfologia do tecido físico. Acredita-se que o processo de aglomeração de famílias em risco de exclusão social em blocos residenciais contribui para a fragmentação

da sociedade e sucessivamente para a fragmentação física da cidade, contrariando o caminho de ideais contemporâneos sobre fazer cidade. O paralelismo entre as questões físicas e sociais deve ser explorado por políticas de gestão urbana (que se querem mais participativas e próximas da população), que estimulem o encontro entre uma vasta diversidade de agentes que partilham o mesmo sector da cidade.

O modelo de integração, defendido neste estudo, parte da noção de partilha, de comunicação, de versatilidade, de diversidade e sobretudo de sustentabilidade, tanto do ponto de vista físico, como social e comunitário.

Revela-se, portanto, mais do que essencial, a participação da população para um urbanismo de coesão social, sobre novos diálogos e formas de pensar, que se traduzam, através dos seus habitantes e dos seus hábitos, em estratégias de regeneração urbana para a cidade (num equilíbrio entre interior e exterior). Revela-se ainda mais importante equacionar as formas de distribuição destes mesmos habitantes em risco de exclusão social, evitando ao máximo uma solução "anti-social" de acção.

O carácter participativo da população no desenho de projecto pode contribuir para responder a problemas e conflitos sociais que simultaneamente destes surjam. Possibilitar o encontro, a partilha e a heterogeneidade pode ser uma forte alavanca à criação de situações às quais habitantes de diferentes "origens" "se possam encontrar, conhecer-se ou reconhecer-se" numa intimidade de vizinhança. (Re)fazer comunidade,tem de partir das mesmas noções de partilha, de vulnerabilidade mútua, de união, de forma a estimular a expressão e a integração sobre um mesmo sentimento de pertença, numa progressiva continuidade entre casa, bairro e cidade.

Bibliografia

Livros

ASCHER, François. Novos Princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos, um léxico. Lisboa: Livros Horizonte, 2012.

BORJA, Jordi. *El espacio público: Ciudad y Ciudadania*. Barcelona: Electa, 2003.

BOURDIN, Alain. O Urbanismo Depois da Crise. Lisboa: Livros Horizonte, 2011.

DIAS, Manuel Graça. Manual das Cidades. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2006.

GEHL, Jan. A Vida Entre Edífcios. Lisboa: Tigre de Papel e Cicloficina dos Anjos, 2017.

HELDER, Herberto. Os Passos em Volta. Porto: Porto Editora, 2014

INFANTE, Guillermo Cabrera. O Livro das Cidades. Lisboa: Publicações Dom Quixote, Lda, 2001.

KING, Anthony D.. *Space of Global Cultures - Architecture Urbanism Identity.* London: Routledge, 2004.

LYNCH, Kevin. *The Image of the city*. Cambridge: The Mit Press, 1970.

PEIXOTO, Nelson Brissac. ARTE/CIDADE - A Cidade E Seus Fluxos. São Paulo: SESC, 1994.

PEIXOTO, Nelson Brissac. ARTE/CIDADE - A Cidade E Suas Histórias. São Paulo: SESC, 1994.

PEIXOTO, Nelson Brissac. ARTE/CIDADE - Cidade Sem Janelas. São Paulo: SESC, 1994.

PERAN, Martí. *POST-IT CITY. Ciudades Ocasionales*. Barcelona: CCCB, SEACEX e TURNER, 2009.

SIZA, Álvaro. 01 Textos. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2019.

SIZA, Álvaro. 02 Textos. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2018.

SIZA, Álvaro. 03 Textos. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2019.

SOLÀ-MORALES, Manuel. *Ciudades, Esquinas/Cities, Corners*. Barcelona: Lunwerg Editores, 2004.

SOLÀ-MORALES, Manuel. *De cosas urbanas*. Barcelona: Gustavo Gili, 2008.

Documentos

E.D.U.S.I. ESTRATEGIA DE DESARROLLO URBANO SOSTENIBLE INTEGRADO PARA EL CABANYAL - CANYAMELAR - CAP DE FRANÇA. Valencia. Dezembro 2015.

SOLICITUD DE INICIO Y DIE DE LA EVALUACIÓN AMBIENTAL Y TERRITORIAL ESTRATÉGICA DEL PLAN ESPECIAL DEL CABANYAL-CANYAMELAR Y SU ENTORNO URBANO (PEC). Outubro 2017.

MEMORIA SOBRE EL CONOCIMIEN-TO DEL ÁMBITO DE ORDENACIÓN.

PLAN ESPECIAL DEL CABANYAL - CANYAMELAR. Marco Para El Desarrollo Del Plan de Participación Pública. Documento Previo. Novembro 2017.

PLAN ESPECIAL DEL CABANYAL - CANYAMELAR. Avance de Criterios Estrategicos. Documento Previo. Novembro 2017.

PLAN ESPECIAL DEL CABANYAL - CANYAMELAR - Resumen Sesiones Participación. Abril 2018.

Webografia

https://observador.pt/especiais/cabanyal-bairro-metafora-espanhola/

https://fundacion.arquia.com/es-es/

https://ciudadinsurgente.wordpress.com/2015/03/12/el-cabanyal-resiste-el-solar-de-sant-pere/

https://www.lasprovincias.es/valencia-ciudad/cara-cruz-cabanyal-20180416192159-nt.html

http://cabanyal.com/2010/05/14/el-pepri-un-pla-de-reforma-interior-sense-proteccio/?lang=es

https://www.viaverdecabanyal.com/

https://valenciaplaza.com/asi-es-la-propuesta-alternativa-al-plan-del-cabanyal-un-jardin-lineal-para-coser-el-barrio

https://www.archdaily.com.br/br/875364/espacos-publicos-a-transformacao-urbana-com-a-participacao-da-populacao?fbclid=IwAR0ye1MLWAlMF6je1UwRUGpZQnwdtTj2zOnyjuAkwAZY--BxaDGLwmzhq_A

https://www.plancabanyal.es/planos.php?idioma=3

https://www.valencia.es/AYUNTAMIENTO/URBANISMO2.NSF/0/542D04522CD557E7C1257FF0004748DC/$FILE/Fichas_firmado.pdf?OpenElement

https://visor.gva.es/visor/

https://valenciaplaza.com/tag/pec

https://www.archdaily.com.br/br/890237/gehl-o-paradoxo-de-planejar-a-informalidade

Crédito de Figuras

1. https://www.plancabanyal.es/planos.php?idioma=3
2. Plan Especial del Cabanyal-Canyamelar. Avance de Criterios Estratégicos - Doc. Previo
3. Plan Especial del Cabanyal-Canyamelar. Avance de Criterios Estratégicos - Doc. Previo
4. valenciafotografica.com - autor desconhecido
5. Plan Especial del Cabanyal-Canyamelar. Avance de Criterios Estratégicos - Doc. Previo
6. plancabanyal.es/planos
7. Plan Especial del Cabanyal-Canyamelar. Avance de Criterios Estratégicos - Doc. Previo
8. Arxiu Nacional de Catalunya, por valenciadesaparecida.blogspot.com
9. Plan Especial del Cabanyal-Canyamelar. Avance de Criterios Estratégicos - Doc. Previo
10. Plan Especial del Cabanyal-Canyamelar. Avance de Criterios Estratégicos - Doc. Previo
11. Ayuntamiento de Valencia.
12. Fonte desconhecida.
13. Fonte desconhecida.
14. Fonte desconhecida.
15. Plataforma Salvem El Cabanyal
16. Fonte EDUSI
17. Vista aérea do Google Maps (2019)
18. El País - Santiago Carreguí
19. Plataforma Salvem El Cabanyal
20. Planur-e.es
21. Fonte EDUSI
22. Fonte desconhecida.
23. Plataforma Salvem El Cabanyal
24. Fonte EDUSI.
25. Fonte EDUSI.

26. Padrón Municipal de Habitantes a 01/01/2014 . Of. de Estatística . Ayuntamiento de Valencia - via EDUSI
27. Fonte EDUSI.
28. Plan Especial del Cabanyal-Canyamelar, versión preliminar del plan. O.03 Calificación actuaciones. Planta General.
29. viaverdecabanyal.com
30. viaverdecabanyal.com
31. viaverdecabanyal.com
32. Fonte EDUSI.
33. Plan Especial del Cabanyal-Canyamelar, versión preliminar del plan. O.04 Imagen Final Actuaciones.
34. Plan Especial del Cabanyal-Canyamelar, versión preliminar del plan. O.01 Estrategias de Ordenación.
35. viaverdecabanyal.com
36. Produção própria.
37. Produção própria.
38. Pierre Sorrin, IN SOLÀ-MORALES, Manuel. *Ciudades, Esquinas/ Cities, Corners*. Barcelona: Lunwerg Editores, 2004.
39. Plan Especial del Cabanyal-Canyamelar, versión preliminar del plan. O.06 infraestrutura Verde. Plan Especial
40. viaverdecabanyal.com/alegaciones
41. Produção Própria.
42. EVA MÁÑEZ - https://valenciaplaza.com/millorem-cabanyal-jornadas-culturales
43. Produção Própria.
44. Produção Própria.
45. Street View, via Google Maps, captura: Junho 2018.
46. Produção Própria, a partir de: Street View, via Google Maps, captura: Junho 2018.
47. Produção Própria

ANEXOS

ANEXO A

PLA ESPECIAL DEL CABANYAL - CANYAMELAR

VERSIÓN PRELIMINAR DEL PLAN

PLÀNOLS DE PROPOSTA - PLANOS DE PROPUESTA

0.00 | PLANO DE SÍNTESIS | enero - 2019 | 1/6.000

Promotor: AUMSA Actuaciones Urbanas de València, Sociedad Anónima Municipal — Ajuntament de València

Contratista: Equipo Redactor del PEC

Equip Tècnic del Pla Especial Cabanyal-Canyamelar
CIF. nº. B-96-479092
C/ Conde Altea nº 1, 1º, 4ª C.P.- 46005 (Valencia)

Gerardo Roger Fernández

Luis Casado Martín

LEYENDA

- LÍMITE ÁMBITO PLAN ESPECIAL
- LÍMITE UNIDAD DE EJECUCIÓN
- RESIDENCIAL PLURIFAMILIAR (EDA)
- TERCIARIO HOTELERO (TER-THO)
- TERCIARIO EDUCATIVO (TER-EDUC) (Compatible con el resto de Usos Terciarios)
- TERCIARIO COMERCIAL (TER-TCO)
- ZONA VERDE PRIVADA (ZVP)
- DOTACIONAL RESIDENCIAL (QR)
- EQUIPAMIENTO (QM)
- ZONA VERDE PÚBLICA (ZV)
- VIARIO (RV)
- EDIFICIO DOTACIONAL
- SENDERO PÚBLICO SOBRE ANTIGUAS VÍAS FEVE
- ZONA VERDE PREEXISTENTE

- EDUCATIVO
- APARCAMIENTOS
- RESTO DE USOS

- ZONAS VERDES EXISTENTES (ZVP)
- ZONAS VERDES DE NUEVA EJECUCIÓN EN SUELO PÚBLICO YA OBTENIDO (ZVNU)
- ZONAS VERDES EN ACT. INTEGRADAS (ZVINT)
- ZONAS VERDES EN ACT. AISLADAS (ZVAIS)
- SENDERO PÚBLICO SOBRE ANTIGUAS VÍAS FEVE
- VIARIOS COEXISTENCIA-EDUSI
- VIARIOS COEXISTENCIA PROPUESTOS PEC
- VIARIOS COEXISTENCIA PREEXISTENTES

N

ANEXO B

TABELA D.A.F.O.

IN E.D.U.S.I. ESTRATEGIA DE DESARROLLO URBANO SOSTENIBLE INTEGRADO PARA EL CABANYAL - CANYAMELAR - CAP DE FRANÇA. Valencia. Dezembro 2015.

Debilidades

Convivência, igualdade de oportunidades e inclusão social

D1 – Intenso processo de "mobbing" imobiliário desde 1998.
D2 – Despejo da população nativa.
D3 – Perca de identidade do bairro. Estigmatização do bairro e perda de auto estima dos seus habitantes.
D4 – Alta percentagem de "sub-habitações". Alguns senhorios alugam casas sem condições mínimas, à população sem recursos.
D5 – Ocupação ilegal de casas, com ligações de luz e água irregulares.
D6 – Inserção de novos vizinhos; Falta de integração dos imigrantes (em especial nas camadas jovens); Escassa comunicação entre as minorias mais vulneráveis e poucas ajudas na sua integração.
D7 – Deterioração da convivência. Comportamentos sociais vividos de maneira conflituosa, com falta de empatia e ausência de reconhecimento mútuo: ruídos horários, higiene, uso do espaço público, etc.
D8 – Fragmentação vicinal e social.
D9 – Sujeira nos espaços públicos. Falta de respeito e de consciencialização sobre limpeza e higiene no meio urbano.
D10 – Falta de espaços públicos destinados a actividades saudáveis.
D11 – Insegurança dos cidadãos. Manifestam-se a venda de droga e intrigas nas ruas e perceção de uma limitada actuação policial.
D12 – Elevada taxa de desemprego, em especial de longa duração, em jovens mulheres e de colectivos vulneráveis, e alta proporção de empregos temporais e precários.
D13 – Exclusão social. Alta percentagem de população sem recursos económicos e culturais.
D14 – Segregação escolar e abstinência (falta de legislação e recursos que incidam na escolaridade obrigatória).
D15 – Nível de instrução baixa, na globalidade.

D16 – Alta proporção de pessoas dependentes.
D17 – Envelhecimento da população. Problemas de falta de atenção, medo e falta de recursos, especialmente de solidão nas mulheres idosas.
D18 – Falta de recursos de prevenção comunitária para idosos, menores e mulheres.
D19 – Falta de coordenação entre centros educativos, serviços sociais e de saúde.
D20 – Falta de difusão e conhecimento do serviço tele assistido para idosos.
D21 – Lugares insuficientes no Centro Municipal para Pessoas Idosas.
D22 – Falta de um centro de dia para idosos.
D23 – Falta de instalações e recursos humanos no Centro Municipal de Serviços Sociais Malvarrosa para atender à população do bairro.

Economia

D24 – Actividade Económica inferior em relação a outras zonas da cidade e da comunidade autónoma.
D25 – Dificuldades do comércio tradicional e do pequeno comércio. Bairro pouco populado e envelhecido, com poucos clientes.
D26 – Desequilíbrio da oferta terciária. Excessiva concentração espacial de comércio no El Canyamelar e em redor do Mercado, assim como na Av. Mediterráneo ou na Rua de la Reina.
D27 – Falta de visão estratégica de negócio.
D28 – Concentração alta de determinados sectores comerciais que geram concorrência em excesso.
D29 – Escassa projecção exterior do comércio local.
D30 – Desaparecimento da actividade industrial.
D31 – Alta proporção de lugares vazios, muitos de eles sem serviços de água e luz.

Espaço Público, Equipamentos e Habitação

D32 – Deterioração das construções e do espaço público
D33 - Elevado número de lotes e casas vazias.
D34 – Tipologias e tamanhos das habitações desacuadas aos actuais modos

de vida. Insalubridade das habitações. Quartos de dormir sem iluminação nem ventilação natural.

D35 – Diminuição das condições de auto-regulação climáticas das habitações., devido à construção de pátios interiores.

D36 – Excessiva presença de automóveis no espaço público.

D37 – Falta de estacionamento. Dificuldade para estabelecer uma solução, em consenso.

D38 – Zonas com elevada poluição luminosa: passeio marítimo e campo de futebol em Dr. Lluch.

D39 – Falta de conexão do bairro com o mar. Os equipamentos da rua Dr. Lluch actuam como barreira.

D40 – Falta de conexão do bairro com o resto da cidade. Barreiras de infraestruturas perimetrais (Av. De los Naranjos e Serrería) dificultam a relação com os bairros adjacentes.

D41 – Transportes públicos insuficientes. Falta de conexão com o resto da cidade (especialmente com o centro e em horários nocturnos)

D42 – Ausência de transportes públicos N-S que articule todos os povoados marítimos.

D43 – Supressão dos serviços de RENFE de conexão com a zona norte.

D44 – Ciclovia do Paseo Marítimo descontínuo, com um desenho atribulado e cheio de areia.

D45 – Ausência de infraestruturas adequadas ao tráfego lento (peões e ciclistas).

D46 – Bairro pouco acessível com numerosas barreiras arquitectónicas (passeios estreitos, falta de lombadas acessíveis, objectos que interrompem circuitos pedonais).

D47 – Rácio de equipamentos públicos por habitante inferior ao resto da cidade (educativos, sanitários e de atenção à cidadania).

Eficiência Energética e Meio Ambiente

D48 – Carência de isolamento térmico nas habitações (especialmente na fachada e coberturas).

D49 – Parque de Habitações obsoleto. 90% dos edifícios foram construídos antes de 1979 e nem sequer cumprem as antigas exigências da NBE-CT-79.

D50 – Valor patrimonial das fachadas cerâmicas características do Cabanyal. Dificuldade de adaptá-las às actuais exigências energéticas.
D51 – Falta de zonas verdes (em especial, com áreas de jogos infantis e espaços para os animais de estimação).
D52 – Má gestão dos resíduos urbanos. Falta de informação, formação e conhecimento na matéria, assim como escassa quantidade e incorrecta localização dos contentores.
D53 – Elevado nível freático. Provoca patologias de humidade nas habitações e problemas técnicos nas fundações.
D54 – Esgotos infra dimensionados e falta de manutenção.
D55 – Incorrecta extração de águas no espaço público. Gera problemas de inundações durante fortes chuvadas.

Governação e Participação

D56 – Falta de educação democrática e cívica. Formação da cidadania na participação, insuficiente (competências, técnicas, trabalho cooperativo, metodologia).
D57 – Falta de informação objectiva. Levando à formulação de hipóteses incorrectas.
D58 – Falta de representatividade dos colectivos.
D59 – Exclusão de determinados colectivos das dinâmicas participativas. Devido ao uso de formatos, prazos, horários, etc inadequados.
D60 – Predomínio do individualismo em relação ao colectivo (perseguição de objectivos distintos e/ou pessoais).
D61 – Inércia e passividade da população.
D62 – Falta de implicação de antigos vizinhos que desejem regressar ao bairro.
D63 – Impaciente espera na obtenção de resultados.
D64 – Ceticismo em relação ao processo participativo Va Cabanyal e seus resultados.
D65 – Institucionalização da participação. Não existe uma participação efectiva.
D66 – Ausência de estruturas de governação adequadas para a gestão da estratégia.

D67 – Falta de um espaço físico de encontro.

Ameaças

Convivência, igualdade de oportunidades e inclusão social

A1 – Possível gentrificação ou guetização associada à reabilitação do bairro. Desaparecimento da diversidade populacional.
A2 – Excessivo predomínio do turismo (alta percentagem de população "flutuante", tráfego intenso, apropriação do uso da praia, etc.).
A3 – Concentração de zonas de ócio (alta ocupação do espaço publico, ruídos, resíduos, etc.). Excessiva actividade nocturna, associada à concentração de ócio e turistas.
A4 – Introdução de usos fora de escala e da morfologia do bairro.
A5 – Influencia de movimentos especulativos na transformação do bairro.
A6 – Fortificação dos conflitos de convivência nas zonas mais degradadas (aumento da xenofobia e resolução violenta – o judicial – dos conflitos).
A7 – Incremento de la marginalidade (consolidação de guetos e invisibilidade da pobreza).
A8 – Feminização da pobreza.
A9 – Continuidade no processo de envelhecimento populacional.
A10 – Processo de assistencialismo "crónico". A obtenção contínua de prestações que não exijam o uso de recursos de prevenção comunitária, pode gerar um modo de vida dependente, que se transmita de geração em geração.

Economia

A11 – Presença de grandes grupos económicos e franquias que podem danificar o pequeno comércio.
A12 - Aparição de grandes superfícies comerciais.
A13 – Dificuldade na obtenção de licenças.
A14 – Gentrificação comercial e cultural do bairro.

Espaço Público, Equipamentos e Habitação

A15 – Risco de demolição de edificações em mau estado.
A16 – Aplicação de políticas que desprotejam o caracter do bairro.
A17 – Pressão nos processos de urbanização.
A18 – Desenvolvimento urbano ao serviço do turismo (fluxo de tráfico continuo e intensivo uso nocturno do espaço publico).
A19 – Inversão pública insuficiente para as transformações necessárias depois da EDUSI.
A20 – Falta de instrumentos de gestão de fundos públicos para atrair a inversão privada mantendo o controlo sobre a qualidade das transformações.
A21 – Má gestão do tráfego.

Eficiência Energética e Meio Ambiente

A22 – Excessivo gasto energético e económico nas infraestruturas públicas como a iluminação.
A23 – Legislação confusa e contraditória.
A24 – Falta de ajudas económicas.
A25 – Efeitos das alterações climáticas no bairro.
A26 – Crescimento do porto comercial (aumento da superfície de areia na praia, aumentando o tráfego).
A27 – Alteração do microclima do bairro devido ao calor acumulado no resto da cidade.

Governação e Participação

A28 – Possível mudança política. Pode-se regressar à situação política anterior ao desaparecer a vontade política por parte da actual administração em favor da regeneração do bairro.
A29 – Desconfiança das instituições. Identificação dos futuros gestores da estratégia com os antigos agentes agressores.
A30 – Pressão mediática para que se responda aos interesses particulares de grupos editoriais.
A31 – Falta de gestão participativa. Participação não vinculante segundo

a legislação actual. Dificulta a eficiência dos processos participativos. Burocracia participativa (lentidão, complexidade, etc.) Legislação contrária à participação cidadã ("Ley mordaza", etc.). Possível fracasso do processo participativo, sem que seja assumida como próprio pela sociedade.
A32 – Sistema político e económico actual (capitalismo). Impossibilita que a população ganhe poder.
A33 – Incumprimento da lei por parte da administração (Art. 47 da Constituição Espanhola: "Todos os espanhóis tem direito a desfrutar de uma habitação digna e adequada…").

Pontos Fortes

Convivência, igualdade de oportunidades e inclusão social

F1 – O uso intensivo do espaço público como elemento de qualidade de vida do bairro e intercâmbio entre gerações.
F2 – Tecido social e associativo do bairro complexo, heterogéneo, forte e participativo, com consciência colectiva e motivação pela mudança. Boa comunicação entre vizinhos.
F3 – Sentido de pertença, orgulho e identidade do bairro por parte da cidadania (valorização patrimonial, uso do valenciano, etc.).
F4 – Experiência dos agentes sociais no tratamento dos problemas sociais do bairro.
F5 – Diversidade e tradição cultural (bandas musicais, cultura popular, multiculturalidade, etc.). Presença do desporto como factor de coesão intercultural.
F6 – A gente maior de idade como fonte de memória histórica do bairro.
F7 – Boa coordenação entre o Centro Municipal de Serviços Sociais Malvarrosa e a Polícia Local no serviço de atenção de urgência social 24h.

Economia

F8 – Localização privilegiada (cerca do mar, das universidades, da Marina Real, do mercado).
F9 – Enclaves de valor. Cenário cultural e arquitectónico único.
F10 – Vitalidade das associações e cooperação vinculado ao comércio.
F11 – Forte presença do comércio alimentar, gerado a partir do Mercado Municipal.
F12 – El Cabanyal como marca e ícone. Potencial atração para o resto da cidade.

Espaço Público, Equipamentos e Habitação

F13 – Alta qualidade da arquitectura existente no bairro.
F14 – Alto valor patrimonial e artístico.
F15 – Piso térreo de uso residencial. Boa relação das habitações com o espaço público.
F16 – Tipologia do edificado. O predomínio de construções com um pequeno nº de pisos permite uma ventilação natural excelente.
F17 – Valiosa trama urbana e escala humana do bairro.
F18 – O mercado do Cabanyal.
F19 – Reversibilidade do processo de degradação.
F20 – Alta percentagem de propriedades pertencentes ao estado. Possibilidade de contrariar a especulação e permitir o desenvolvimento de múltiplas soluções que respondam a situações muito diversas.
F21 – Disponibilidade dos espaços públicos que permitem a criação de novos espaços infantis, praças, percursos urbanos, etc.
F22 – Edifícios e lotes vazios, infra utilizados ou abandonados como espaços de oportunidade para introduzir novos equipamentos públicos (espaços de reunião para os vizinhos, serviços sociais, etc.).
F23 – Superfície livre entre a rua Dr. Lluch e o Paseo Marítimo. Pode albergar o crescimento do bairro até ao mar com habitação e equipamentos.

Eficiência Energética e Meio Ambiente

F24 – Traçado e configuração urbana climaticamente eficaz.
F25 – Proximidade com o mar. Supõe-se um impacto climático positivo.
F26 – Ventilação natural no verão.
F27 – Pé-direito alto nas habitações.
F28 – Grande superfície em m2 de coberturas por habitante, em comparação com o resto da cidade.
F29 – Densidade e tipologia do edificado. Uma estrutura da propriedade em que dominam os edifícios com menos de três habitações por parcela. Facilita a gestão de sistemas de auto produção e consumo de energia renovável.
F30 – Zonas com trânsito moderado.
F31 – A consciência ecológica que se desenvolveu no bairro.
F32 – Solos férteis.
F33 – Autogestão tradicional da água.

Governação e Participação

F34 – Sociedade civil vital, diversa e organizada. Movimento vicinal histórico e forte. Tecido associativo importante. Capacidade de mobilização e resistência. Ilusão cidadã.
F35 – Existência de objectivos comuns.
F36 – Capacidade de negociação e execução das associações.
F37 – Comissão de urgência do Cabanyal.
F38 – Grupo Motor cidadão Va Cabanyal.
F39 – Vontade política de regeneração urbana participativa na sociedade e administrações.
F40 – Marco de competências homogéneo (Câmara Municipal), que facilita a gestão das acções.
F41 – Estratégia integrada de desenvolvimento urbano sustentável para a zona de objecto de intervenção (em fase de redação).

Oportunidades

Convivência, Igualdade de Oportunidades e Inclusão Social

O1 – Possibilidade de construir um modelo extensível a outros bairros. Identidade de um bairro vivo e resistente, como elemento de difusão ao resto da cidade.
O2 – Uso criativo do espaço público (arte urbana). Atractivo cultural, jovem e criativo.
O3 – Multiculturalidade. Possibilidade de difusão e conhecimento. Oportunidade de confluência entre diversas visões e actividades do bairro.
O4 – Oportunidade de financiamento (UE).
O5 – Gerador de um turismo específico cultural do Cabanyal, a nível da cidade e exterior.
O6 – A resolução de conflitos, a integração social e a melhoria da convivência como instrumento para fazer bairro e melhorar a vizinhança.
O7 – Comunidades de aprendizagem. Possibilidade de aproveitar a sabedoria do bairro.
O8 – Oportunidade de romper o ciclo vicioso de assistência crónica.

Economia

O9 – A revitalização do bairro como oportunidade para recuperar o comércio de proximidade. Revalorização do comércio tradicional.
O10 – Novas oportunidades de trabalho no bairro, ligados à sua recuperação.
O11 – Turismo sustentável e bem gerido.
O12 – Inversões públicas e privadas.
O13 – Criação de emprego. Aproveitar a reabilitação/restruturação do bairro.
O14 – Desenvolvimento do Porto de Valência. Possibilidade de atrair terciário avançado ao bairro.

Espaço Público, Equipamentos e Habitação

O15 – Pacto político pela recuperação do bairro e compromisso da actual governação municipal. Passar da desconstrução à construção.
O16 – Reconhecimento internacional do bairro.
O17 – Localização estratégica do Cabanyal na cidade (fachada marítima de Valência).
O18 – Oportunidade de ensaiar diferentes formas de acesso à habitação e à propriedade.
O19 – Uma grande quantidade de ruas de uso local para introduzir a convivência entre distintos sistemas de transporte, cuidando especialmente sobre a acessibilidade de pessoas com mobilidade reduzida.
O20 – Criação de um museu da história recente do bairro no processo de reabilitação.
O21 – Proximidade das universidades. Oportunidade de colaboração.
O22 – Potenciar a capacidade das travessias Este-Oeste para conectar a Av. Serrería e o bairro com o mar.
O23 – Possibilidade de conectar todos os bairros marítimos.
O24 – Possibilidade de redesenhar o bairro atendendo à escala humana (especialmente a Av. Serrería).
O25 – Reorganização do espaço público (principalmente no tema do estacionamento).

Eficiência Energética e Meio Ambiente

O26 – Gestão local de resíduos, de forma cooperativa.
O27 – Introdução de energias renováveis na reabilitação de edifícios.
O28 – Superfície disponível para a criação de zonas verdes.
O29 – Possibilidade de criar e aproveitar os terraços nas coberturas.
O30 – Condições ambientais favoráveis.
O31 – Ajudas económicas da EU: melhoria da eficiência energética, gestão de recursos, melhoria da biodiversidade e luta contra as alterações climáticas.
O32 – Consciencialização cidadã que permita apostar no transporte público e lento com o fim de reduzir o trânsito automóvel e a superfície de

asfalto na zona do paseo marítimo.

Governação e Participação

O33 – Curto prazo. Contra as baixas expectativas da população, os benefícios tangíveis a curto prazo podem gerar maior ilusão e participação.
O34 – Possibilidade de repensar os conselhos distritais como ferramenta de participação vicinal.
O35 – Possibilidade de criar novas ferramentas para uma participação cidadã coerente.
O36 – A redação da EDUSI e a metodologia VaCabanyal com a abertura do processo participativo.
O37 – Formação da cidadania nos instrumentos de participação e criação de agentes participativos cidadãos mediante o processo iniciado.

ANEXO D

10 pontos sobre as esquinas

IN SOLÀ-MORALES, Manuel. Ciudades, Esquinas/Cities, Corners. Barcelona: Lunwerg Editores, 2004.

1- O ângulo é a geometria elemental da urbanidade. É, por sua vez, intercepção e vértice. E são as esquinas edificadas as que materializam concordâncias e contrastes entre edíficios e pessoas, actividades e movimentos.

2- As esquinas são as formas visíveis que a arquitectura concepciona a esta rede de intercepções : exercício de dificuldade e de mérito, que representa toda a complexidade e riqueza do urbanismo. Sem boa arquitectura não pode existir uma cidade boa.

3- Coincidência e diferença são as ideias que definem a esquina. São também as que definem a cidade, mais que a ordem, a unidade ou a regularidade.

4- A multiplicação de esquinas forma as cidades. A cidade é rede de esquinas: espaço articulado para facilitar a interacção de pessoas e actividades.

5- No âmbito global, as grandes metrópoles do mundo urbanizado são as esquinas do transporte, das migrações, dos negócios. São as esquinas do mundo.

6- A urbanidade – diversidade cultural – não é uma questão de concentração ou de dispersão. É uma questão de interdependência. Uma questão de densidade de esquinas.

7- Estações, estacionamentos, grandes equipamentos, terminais, "intercambiadores" e nós de transportes podem ser as esquinas do território contemporâneo. Novas esquinas significam a criação de diversidade paisagística, acabar com guetos sociais, destacando o papel do transporte público.

8- Contra os projectos que esquecem que o solo urbano é a melhor fundação da sociabilidade: presença integrante das esquinas. Contra uma utopia neoconservadora que propõe um urbanismo de grandes ícones, sistemas abstractos e um fechado desenho de imagens, e ignora o contacto físico das pessoas e das pedras: Esquinas, por favor, esquinas!!!

9- Contra a proliferação dos parques temáticos, contra a as urbanizações exclusivas, contra os bairros dormitórios e o distritos de escritórios, contra os subúrbios infinitos: as virtudes da intersecção, e inclusive da promiscuidade, como objectivos de qualquer projecto da cidade.

10- Por um urbanismo de ambiguidades, da surpresa e da mistura: mais e mais esquinas!

Ivo Correia Ribeiro

FAUP

2020